



Autor: FEDERICO WOLFF
Tradução: MARLI NOGUEIRA

Personagens:

Miguel
Sílvia
Mário

CENÁRIO ÚNICO. LIVING DE UMA ANTIGA CASA DE CAMPO. À ESQUERDA: PORTA DE ENTRADA. À DIREITA: PASSAGEM QUE DÁ PARA OUTROS APOSENTOS. AO FUNDO: GRANDE JANELA COM GRADES. A MOBÍLIA PERTENCE À ÉPOCA PASSADA, COM ALGUNS ELEMENTOS DE ÉPOCA ATUAL. O TUDO RESPIRA A BEM-ESTAR QUE DATA DE DEZENAS DE ANOS. O CENÁRIO DEVE AFASTAR-SE DE UM REALISMO TOTAL. TUDO ESTA MERGULHADO EM PENUMBRAS. É NOITE. SOMENTE O RESPEENDOR DA LUA SE FILTRA PELAS GRADES DA JANELA, ILUMINANDO OS LENÇÓIS CLAROS QUE COBREM OS MOVEIS. GRANDE SILÊNCIO. OUVE-SE APENAS, DE LONGE, O LATIDO DE CACHORROS; ETC. O SILÊNCIO É INTERROMPIDO PELO RUÍDO DE UM CARRO QUE SE APROXIMA A TODA VELOCIDADE E QUE FREIA ABRUPTAMENTE. SEUS FARÓIS ILUMINAM PARTE DA JANELA. RUÍDO DE PORTA DE CARRO.

SILVIA - (DE FORA) Você dirigiu como um louco! (MIGUEL DÁ RISADAS) E ainda por cima fica rindo! Mas que barbaridade! Se eu não te aviso, batemos de frente contra aquele enorme caminhão!

MIGUEL - Em nome das vacas que ele transportava, eu lhe transmito os mais sinceros agradecimentos.

SILVIA - Não diga besteira! Não nos matamos por pura casualidade!

MIGUEL - Aliás, não seria nada estético. Virar ^{mingau} rodeados por churrascos vivos.

SILVIA - Bem, já chega de tolices. Vamos entrar de uma vez! Me alcance os cabides, por favor. As garrafas de champanhe também. O resto você leva.

MIGUEL - Às suas ordens, senhora. Sirva-se, senhora.

SILVIA - Você trouxe as chaves, não?

MIGUEL - Nunca me esqueço de nada, senhora. Sou seu fiel servidor, senhora. (ABRE A PORTA)

SILVIA - (ENTRANDO) O que me preocupa é o menino que não chega.

MIGUEL - (ENTRANDO) Deve chegar de um momento para o outro. Eu o vi atrás de nós há alguns minutos. Não se preocupe. Ele dirige muito bem.

SILVIA - (ENQUANTO VAI COLOCANDO O QUE TROUXE POR AÍ) Um acidente pode acontecer a qualquer um. Principalmente aos que dirigem bem. Confiam demais em si mesmos. (VAI ATÉ A PORTA E OLHA SE VEM ALGUÉM) Ai, Deus do céu!

MIGUEL - (TAMBEM COLOCA POR AÍ O QUE TROUXE: UMA PEQUENA VALISE E UNS PACOTES DE COMIDA) Bem, não vai fazer um drama, agora.

SILVIA - Olha só quem fala! Justamente você.



MIGUEL - Eu vou apagar os faróis do carro.

SILVIA - Não, não apague. Assim ele pode enxergar Melhor o caminho.

MIGUEL - Mas isso é bobagem, querida. Os faróis do carro dele iluminam pelo menos uma quadra inteira.

SILVIA - Mas deixe acesos assim mesmo.

MIGUEL - Como queira. (COLOCA A CHAVE DA PORTA NA FECHADURA, PELO LADO DE DENTRO)
Enquanto isso vou ligar a chave geral. (SAI PELO VESTÍBULO)

SILVIA - (PARA SI) Meu Deus, por que não chega? (ACENDE-SE A LUZ DO LIVING. OUVI-SE CHEGAR UM CARRO) Aí vem ele! Ouviu, Miguel, ele está chegando!

MIGUEL - (APARECE. SECO) Não me diga! (O CARRO CHEGA)

SILVIA - (SAI PARA FORA) Até que enfim você chegou! Eu já estava preocupada. (APAGAM-SE OS FARÓIS DO CARRO DE MÁRIO. FORTE RUÍDO DE PORTA DE CARRO)

MÁRIO - (DE FORA, FURIOSO) Onde está ele?

SILVIA - Teu pai? Está lá dentro. (SAI PARA APAGAR OS FARÓIS DE SEU CARRO. MÁRIO ENTRA E OLHA FURIOSO PARA SEU PAI)

MIGUEL - (APONTANDO-LHE O DEDO, TRIUNFANTE) Ahá, te ganhei!

MÁRIO - Me ganhou o que?

MIGUEL - A corrida, ora bolas!

MÁRIO - Eu não apostei corrida nenhuma.

MIGUEL - Mas eu sim.

SILVIA - (ENTRANDO) Bem, não vão discutir agora. O importante é que estampa são e salvos.

MÁRIO - Mas o que é isso? Você começa uma disputa sem nem consultar o adversário?! Você está louco!

MIGUEL - Ouviu, Silvia? Você ouviu isso? Teu filho disse que estou louco. Agora virei maluco só porque quis brincar um pouco.

SILVIA - Tem razão, filho. Tem razão. Eu já disse isso a ele. Mas vamos deixar isso de lado e pôr um pouco de ordem aqui. (COMEÇA A LEVAR COISAS PARA DENTRO)

MÁRIO - (AINDA FURIOSO) Quer dizer então que você quis brincar? Brincar! E brincou com a vida dos outros.

MIGUEL - Você está dizendo besteira.

MARIO - Brincou com a vida de mamãe e com a minha. Com a de mamãe porque estava ao seu lado; e com a minha porque quis te alcançar para que não continuasse com aquela loucura. E não venha me dizer que não ouviu as buzinas.



MIGUEL - Mas você não me alcançou. Te ganhei!

MARIO - Me diga uma coisa, papai, o que é que você quer demonstrar com isso, hein?

SILVIA - (VOLTANDO. ENERGICA) Bem, agora chega! (A MARIO) Eu já te disse que tem razão. Pelo menos a noite de hoje poderíamos passar em paz, você não acha?

MARIO - Você não se dá conta, mamãe, que foi um ato de irresponsabilidade?

MIGUEL - Ouve só! (IRÔNICO) Um ato de irresponsabilidade! Mas, moleque, quem você pensa que é, hein? Agora vai querer me ensinar o que é reponsabilidade! A mim! Justamente a mim! Mas que merda, também! (COM BRONCA, PEGA UM VASO DE FLORES E O LEVANTA PARA ATIRÁ-LO AO CHÃO)

SILVIA - (GRITA) Não! O vaso não! (TIRA-O RAPIDAMENTE DAS MÃOS)

MIGUEL - Tem razão. Perdão. Era da tua avó.

MARIO - Não brinque com isso outra vez, papai.

MIGUEL - Justamente a mim acusa de irresponsabilidade!

MARIO - Mas papai ...

MIGUEL - (CORTANDO) A mim, que fiz da responsabilidade uma das metas da minha vida. Em todos os sentidos. No que você imaginar.

MARIO - Me escuta ...

MIGUEL - (CORTANDO) Na fábrica, por exemplo. Não há nada, absolutamente nada que não esteja em ordem. Enquanto todos os industriais que conheço vivem quebrando a cuca para sonegar os impostos, eu os pago até o último centavo. Certinho. O mesmo acontece com relação aos empregados. Cada um recebe exatamente o que lhe corresponde.

MARIO - Por favor ...

MIGUEL - (CORTANDO) E você? Você pode se queixar de algum ato de irresponsabilidade? Eu não fiz por você tudo o que pude? Em todos os sentidos? Te aconselhando, te dando a mão, te protegendo?

MARIO - Papai ...

MIGUEL - (CORTANDO) Justamente a mim! Que estou até aqui de ver tanta corrupção e irresponsabilidade por todos os lados. Poderíamos viver muito melhor. Todos! Mas não. Somos os vivos. Os vivaldinos.!

MARIO - (GRITA) Pare com isso! A única coisa que você sabe fazer é monologar. Nunca escuta os outros. (MIGUEL SE DEIXA CAIR EM UMA POLTRONA, EM CIMA DO LENÇOL E DE UNS CABIDES)

SILVIA - (GRITA) Ai!

MIGUEL - Quem morreu ?

SILVIA - Você sentou em cima do smoking.

MIGUEL - (CONTINUA SENTADO) Pelo menos assim serve para alguma coisa.

SILVIA - Deixe ver. Levante. Levante logo! (MIGUEL O FAZ A CONTRAGOSTO. SILVIA LEVANTA O CABIDE COM CUIDADO). Um smoking tão alinhado.

MIGUEL - (MURMURA) Para um velório.

SILVIA - E vocês acabem com isso de uma vez! Ou mal se falam, ou vivem gritando. Parecem duas crianças. Pelo menos podiam se controlar um pouco, vocês não acham ? É nosso aniversário de casamento.

MARIO - O que acontece, mamãe, é que papai sempre ^{tudo} distorce. Como não escuta o que a gente diz, se prende a uma palavra e aí engrena. Eu não disse que ele é um irresponsável. Disse que cometeu um ato de irresponsabilidade.

MIGUEL - Estou cagando para a diferença.

MARIO - É muito diferente. Quer você queira, quer não. Até a pessoa mais responsável pode cometer um ato de irresponsabilidade. Ninguém é perfeito. (COM HUMOR) Nem mesmo eu.

MIGUEL - Meu filho confessou que não é perfeito. Que pare o mundo! Declarem feriado nacional!

MARIO - Você só tem senso de humor quando ele parte de você.

SILVIA - Vocês não têm remédio. (CONTINUA LEVANDO AS COISAS PARA FORA. PAUSA)

MARIO - (TRATANDO DE DOMINAR-SE, MAS COM UM TOM MUITO PEDANTE) E falando de responsabilidade, tal como você a entende ...

MIGUEL - (CORTA) Já chega.

MARIO - Não, não chega não. A gente deve sempre chegar ...

MIGUEL - Pare!

MARIO - ... ao fundo de tudo. Senão ficam coisas soltas que acabam levando a equívocos. E, o que é pior, que não trazem nenhuma solução. Nenhuma saída. Pelo contrário. Acho que fui bem claro.



MIGUEL - (IRÔNICO) Claríssimo. Obrigado, professor. Posso me sentar? (SENTA-SE COMO UM ALUNO E FAZ CARA DE QUEM PRESTA ATENÇÃO) Estou escutando.

MARIO - Você está brincando, não é? Mas não tem importância. O importante é que me escute.



MIGUEL - Sou todo ouvidos.

MARIO - Estou totalmente de acordo com você, papai, de que seu comportamento na fábrica, neste sentido, é perfeito.

MIGUEL - Muito obrigado.

MARIO - Também estou de acordo com...

MIGUEL - (DISSIMULADAMENTE) Aleluia!

MARIO - ... que você é um pai muito responsável.

MIGUEL - Mereço um dez?

MARIO - Também é certo que se todos fizessem o mesmo, nossa sociedade, nosso país, seria muito melhor. Você é um bom exemplo.

MIGUEL - Que lindo!

MARIO - Mas ...

MIGUEL - Pronto! Cagou tudo!

MARIO - Mas os teus protestos diários sobre o comportamento dos outros e suas consequências negativas são totalmente estéreis.

MIGUEL - (LEVANTA A MÃO COMO UM ESCOLAR) Com licença, professor. Tenho que fazer pipi.
(LEVANTA-SE, VAI ATÉ A JANELA E OLHA PARA FORA)

MARIO - Eu ainda não terminei, papai.

MIGUEL - Eu já.

MARIO - Não pode ser! Não é possível que não se possa ter com você uma conversa de gente.

MIGUEL - Isto não é uma conversa.

MARIO - (ZANGADO) Bem, chame do que quiser.

MIGUEL - (TAMBÉM) Me diz uma coisa. Para você, teu pai é uma besta quadrada, não é? Que não entende nada. Nada. Já sei que não tive a sorte de frequentar a faculdade, como você. Mas isso não quer dizer que eu seja um idiota.

- MARIO - Mas papai, ninguém te chamou de idiota. Muito menos eu. O que acontece é que você não suporta uma crítica construtiva.
- MIGUEL - (GRITA) Isto não foi uma crítica. Foi uma sentença.
- MARIO - (GRITA) Que sentença coisa nenhuma. Eu quis te explicar com clareza que "ficar em cima do muro", criticar de fora é uma masturbação.
- SILVIA - (ENTRANDO) O que é que foi dessa vez?
- MIGUEL - Teu filho me chamou de punheteiro!
- SILVIA - Mas filhote, o que é isso?
- MARIO - Olha, mamãe, é totalmente impossível dialogar com papai. Impossível!
- MIGUEL - Você acha que com ele é possível?
- MARIO - Desculpa, mamãe, mas acho que é melhor eu ir pra casa. Isto vai de mal a pior.
- SILVIA - Ah, não, Mário. Hoje não! Pelo menos hoje vocês deviam se controlar um pouco.
- MIGUEL - Deixe ele ir! Só estava mesmo esperando um pretexto. Agora já tem um pra poder se escapar.
- MARIO - Você sabe muito bem, papai, muito bem que não se trata disso.
- MIGUEL - Vai me dizer agora que te encanta estar com os velhos. Olha só essa!
- SILVIA - Você não pode fazer isso comigo. Hoje temos que ficar juntos. Pelo menos hoje!
- MIGUEL - Era só o que faltava: que você implore que ele fique. Deixe ele ir. Tem razão no que diz. Tchau, vá com Deus. (SAI PELA PASSAGEM)
- SILVIA - Espera, Miguel! Vai, Mário. Vai buscá-lo, vai. Fale com ele. Peça desculpa.
- MARIO - Não, mamãe. Não se pode dialogar com ele. É impossível. Perdoe-me, por favor. Perdoe-me. (ABRAÇA E BEIJA A MÃE) Acredite que é melhor assim. Nos veremos segunda-feira em casa. Te amo muito. (SAI CORRENDO PARA FORA. OLVE-SE LIGAR O CARRO E AFASTAR-SE. SILVIA SEGUIU-O ATÉ A PORTA E OLHA PARA FORA. PAUSA. MIGUEL APARECE E FICA DE PÉ NO UMBRAL DA PASSAGEM. SILVIA SE VOLTA. OLHAM-SE)
- SILVIA - Foi embora.
- MIGUEL - Não sou surdo. (SILVIA FECHA LENTAMENTE A PORTA E SENTA-SE OLHANDO O VAZIO) Você, como sempre, acha que teu filhinho tem razão. (SILVIA NÃO RESPONDE) Claro, claro. O culpado sou eu!
- SILVIA - Eu não disse nada.
- MIGUEL - Mas pensou.



SILVIA - Também não pensei nada.

MIGUEL - Claro que pensou. Claro que sim. A gente nota.

SILVIA - Pois está enganado, meu amor. Eu já estou quase acostumada a este desentendimento entre vocês. O que acontece é que eu não entendo. Ou melhor, não entendo de todo.

MIGUEL - Aqui não há nada para entender. É assim e pronto.

SILVIA - (CONTINUANDO) Havia uma relação tão maravilhosa entre vocês. E de repente ... há uns dois ou três anos mais ou menos ... paf .se acabou.

MIGUEL - Você disse bem. Se acabou.

SILVIA - (IGUAL) Primeiro eu achei que fosse um problema de adolescência. Mas não ... agora vejo que não é bem isso. Afinal, ele não é mais um adolescente, você não acha?

MIGUEL - Suponho que não. Criancinha não é mais. Além disso, é um saco essa história de adolescência. Parece um passaporte para fazer qualquer cagada. E os velhos são o saco de areia para eles. E dê-lhes sopapos! E nós temos que aguentar firme. Precisamos deixar que eles descarreguem! São adolescentes! Pobrezinhos! Eu, quando era adolescente, se fazia uma cagada meu velho me dava um tabefe e a adolescência logo ia pra puta que o pariu. Agora, de uns anos pra cá, parece que virou um vírus que ninguém consegue combater. Tem que deixar evoluir naturalmente.

SILVIA - Mas Mário não é mais um adolescente,

MIGUEL - (FURIOSO) E eu sei lá quando termina esse vírus! Inventam tantas coisas. Mas um almanaque com a indicação precisa do começo e do fim desta praga, ainda não inventaram. Seria tão bom! No primeiro dia depois que terminasse a "doença," na primeira insolência ... pimba, e o frangote ia ver o que é bom. Seria ótimo!

SILVIA - Mas já não é mais adolescente.

MIGUEL - Você já o disse. Está bem. É um homem. Ou meio-homem. Ou um quarto de homem. Eu sei lá o que ele é.

SILVIA - Mas não é só isso.

MIGUEL - Claro que não é só isso. Há muito mais. O moleque se acha o máximo. Como frequentou uma escola particular e agora estuda advocacia, acha que tem um rei na barriga. Como eu não tive a sua sorte, o senhor me despreza. Ou quem sabe lhe dê vergonha ter um velho meio burrão.



SILVIA - Não diga besteira.

MIGUEL - Já vejo o quadro dentro de alguns anos. Quando for visitar meu filho no seu escritório. A recepcionista vem me receber e me diz: "Espere um momento que eu vou perguntar ao doutor se ele pode recebê-lo". Volta e me comunica: "O doutor disse que o receberá amanhã às 8 e 30".



SILVIA - Você acha que vai ser assim mesmo?

MIGUEL - Não. (PAUSA) Vamos pra casa. (SILVIA NÃO RESPONDE) Eu disse vamos pra casa.

SILVIA - Não.

MIGUEL - Que quer dizer "não"?

SILVIA - Que vamos ficar aqui, meu amor.

MIGUEL - E pra que?

SILVIA - Como pra que? Eu não sei se você lembra, mas hoje é nosso aniversário de casamento. Vamos festejar.

MIGUEL - Está falando sério ou está brincando?

SILVIA - Estou falando sério. Muito sério.

MIGUEL - Mas antes éramos três e agora estamos só em dois. Não sei se você se deu conta.

SILVIA - Teu senso de observação é espantoso.

MIGUEL - E você tem vontade de festejar assim mesmo?

SILVIA - Tenho vontade de estar com você.

MIGUEL - Sem Mário?

SILVIA - Sim. Com ele seria maravilhoso. Mas ele foi embora. E agora é preciso ver o que há de positivo em tudo isso. E o que vejo de positivo é o fato de estar sozinha contigo.

MIGUEL - Eu hoje não sirvo pra companhia. Vou acabar sendo um saco pra você.

SILVIA - Deixe isso por minha conta, tá?

MIGUEL - Seria uma farsa querer estar de bom-humor à força.

SILVIA - É verdade, seria uma farsa. Mas toda farsa é divertida, não é mesmo? Você se anima?

MIGUEL - Não.

SILVIA - Nem mesmo por mim?

MIGUEL - Afinal, sempre se faz o que você quer. Então vamos lá. Por que não começamos?

SILVIA - (ASSUME UM AR BRILHANTE. LEVANTA-SE) Que se abra o pano! Mas ainda nem tiramos os lençóis. Vamos começar por isso.

MIGUEL - Que seja. (TAMBÉM ASSUME UM AR BRILHANTE. ARRANCA UM LENÇOL DE UMA DAS CADEIRAS E O ATIRA NO AR. TEATRAL E AGRESSIVO) Nesta poltrona, de inconfundível estilo inglês ...

SILVIA - (SORRIDENTE) Colonial.

MIGUEL - ... se aplastou mil vezes a enorme e celulítica bunda da avó Pilar. Perdão. Dona Pilar. Mulher fecunda, que beneficiou a pátria com nove machos, e que além disso se destacou como campeã do crochê.

SILVIA - (VAI RAPIDAMENTE A OUTRA CADEIRA E ATIRA O LENÇOL NO AR) Nesta outra poltrona, a neta de Dona Pilar se beijou mil vezes com seu marido, o qual agradece à "vovó coelha" a existência de sua amada mulher.

MIGUEL - (JOGA OUTRO LENÇOL NO AR) Não, não! Isto não é uma poltrona. É um trono. Nele pousava sua esquelética figura o avô, Dom Horácio, dando ordens em benefício da comunidade.

SILVIA - (JOGA OUTRO LENÇOL NO AR) Esta é uma prova material: nela descansou e desfrutou muitas vezes de seu êxito, Dom Miguel, marido da neta de Dom Horácio, que foi o fundador do grande complexo industrial que Dom Miguel dirige hoje tão brilhantemente.

MIGUEL - Me rendo. Você me ganhou de 3 a zero.

SILVIA - Continuamos?

MIGUEL - É viva, você, hein! Vivíssima!

SILVIA - Não me agrada insultar os mortos.

MIGUEL - Então, você também acha que a morte purifica tudo. Até um filho da puta, quando morto, se converte em santo. Olha só. Até eu tenho a chance de me converter num grande tipo, depois de esticar as canelas.

SILVIA - Não, não é isso. É uma questão de respeito.



MIGUEL - Que respeito coisa nenhuma. Você tem é medo. Medo dos fantasmas do passado. Você vai ver ^{como} são inofensivos. Quer dançar com um deles? Eu vou te chamar um. (SAI PELA PASSAGEM, ASSOBIANDO COMO QUEM CHAMA UM CACHORRO) lulu, vem. (APAGA A CHAVE GERAL. ESCURIDÃO)



SILVIA - Que é que você está fazendo? Eu não gosto dessas brincadeiras. (CORRENDO PARA ACENDER A LUZ. MIGUEL TINHA VOLTADO. VESTIU UM LENÇOL PARA SE FAZER DE FANTASMA E SE ESCONDEU ATRÁS DO SOFÁ. SILVIA VOLTA E MIGUEL SALTA DE SEU ESCONDERIJO)

MIGUEL - Buh, buh, buh, buh! (SALTA EM VOLTA DELA. SILVIA DÁ RISADAS. COM VOZ DE ALÉM-TÚMULO) Me concede esta dança, belezoca? (SILVIA FAZ UMA REVERÊNCIA COMO SE FAZIA ANTIGAMENTE. ELE A TOMA EM SEUS BRAÇOS E CANTAROLA UMA CANÇÃO. DANÇAM. TROPEÇAM NO LENÇOL E AMBOS CAEM NO CHÃO. ELE TIRA O LENÇOL) Pode um fantasma beijá-la?

SILVIA - Não pode. Deve. (MIGUEL A BEIJA COM SUAVIDADE. EM SEGUIDA A OLHA PENSATIVO) O que foi?

MIGUEL - (SE LEVANTA) Não, nada.

SILVIA - Em que pensava?

MIGUEL - Eu sei lá ... penso ... penso que você merecia alguém melhor do que eu.

SILVIA - Eu não me queixo.

MIGUEL - Isso não quer dizer nada.

SILVIA - Quer dizer muito. Significa conhecer um pouco da vida.

MIGUEL - Você está é resignada em ter um rabujento do seu lado.

SILVIA - (LEVANTA-SE E LHE DÁ MUITOS BEIJOS SUAVES POR TODO O ROSTO) Sim, meu amor, estou muito resignada.

MIGUEL - (MUITO DE DENTRO) E diga-me ... você se conforma com a vida que levamos?

SILVIA - Mas meu amor. Esta pergunta não tem sentido. Te parece adequada a esta hora da noite e com a garganta seca e o estômago vazio?

MIGUEL - É que eu não sei ... não sei ...

SILVIA - Mas eu sei. Agora temos que tomar alguma coisa que dê um pouco de clima. (FAZENDO A SENSUAL) Se bem que devo lhe confessar que eu já estaria pronta para qualquer coisa. (MIGUEL CONTINUA NA DELE) Ei, acorda. (ESTALA OS DEDOS NA FRENTE DE SEU ROSTO) Acorda, touro. e se prepare para a arena. (PEGA UM LENÇOL E O USA COMO CAPA; SAPATEIA) Olé, touro, olé!

MIGUEL - Olha que há chifradas que matam.

SILVIA - Não a este toureiro, que é um gênio da esquiva. Olé, touro, olé!

MIGUEL - Manolete achava o mesmo e está "mortinho da silva."

SILVIA - Sempre existe um recurso. Olé, touro, olé! Este, por exemplo. (JOGA-LHE O LENÇOL NO ROSTO, COBRINDO-O. RI E APANHA O LENÇOL) Quando você servisse alguma coisa, ahn? O champanhe ainda não deve estar gelado.

MIGUEL - Está bem. E você vai ver se já temos gelo.

SILVIA - Acho que não, mas às suas ordens, meu miúra. (DESAPARECE COM OS LENÇÓIS)

MIGUEL - (OLHANDO PARA AS BEBIDAS) Temos uísque, gim, pisco, campari e vermute.

SILVIA - (DE FORA) Ainda não temos gelo.

MIGUEL - Te agradaria um Pisco?

SILVIA - (ENTRA) Não é um aperitivo, mas funciona. Que venha o Pisco!

MIGUEL - "Sai" Pisco prá dois. (SERVE)

SILVIA - (MOSTRA A BANDEJA QUE ACABA DE TRAZER) Sirva-se.

MIGUEL - Não estou com fome.

SILVIA - Mas tem que comer alguma coisa. Isso de beber e não comer ... (COQUETE) ... pode ser contraproducente.

MIGUEL - Eu sempre funciona.

SILVIA - É verdade, meu miúra, é verdade. (BEBE) Ai, meu Deus! Me sobe um calorzinho tão gostoso!

MIGUEL - Isso é o que há de bom em você. É de efeito rápido.

SILVIA - O Pisco é a única coisa que permite aos chilenos viverem sobre um vulcão.

MIGUEL - E por que?

SILVIA - Mas Miguel, é uma sensação espantosa pensar que de um minuto para outro a terra pode estalar.

MIGUEL - Para mim seria uma sensação tranquilizadora.

SILVIA - O que é que você está dizendo?

MIGUEL - Claro, por que esquentar a ^{cabeça?} De que serve ficar se amargurando com a merda que a gente tem que ver por toda a parte? Para que fazer planos? Para que construir, se a qualquer momento tudo pode ser derrubado e tragado pela terra?

SILVIA - Mas isso é de um pessimismo que não conduz a nada.



MIGUEL - Talvez você tenha razão. Mas se viveria mais feliz.

SILVIA - Ah, meu amor, vê-se logo que você ainda não provou uma só gota. (COLOCA O COPO NAS MÃOS DELE) Para que você possa suportar os terremotos da sua terra.

MIGUEL - Tenho medo que todo nosso estoque de bebida não chegue para isso. (BEBE DE UM TRAGO).

SILVIA - Como se sente?

MIGUEL - Pior.

SILVIA - Bom começo.

MIGUEL - Não me diga.

SILVIA - Eu te explico. É só no começo que você se sente assim. É como uma tristeza doce. E quando ...

MIGUEL - Vejam só. Agora que sei como é, me sinto ótimo.

SILVIA - Não me interrompa. E quando você tomar um pouco mais, te virá uma sensação como se te nascessem asas ...

MIGUEL - Como se tivesse um motor de popa no rabo?

SILVIA - Eu estou falando sério. Você vai voar a alturas incríveis, onde o negro é branco, o imundo perfumado e o amargo doce. Que tal?

MIGUEL - Tomarei o próximo avião. E obrigado pela dica. Claro, com a tua experiência ...

SILVIA - Um momento! Nunca fui uma alcoólica. Lógico, perto de você, que quase nunca bebe ...

MIGUEL - Digamos que você seja uma aficcionada da aviação. Mas quando você aterrissa, encontra outra vez a mesma imundície de antes.

SILVIA - Teu filho pensa ...

MIGUEL - (CORTA) Mário! Nada menos que Mário! É puro blá, blá, blá. Um aprendiz de intelectualóide.

SILVIA - Eu também não o entendo muito bem. E não me interessam todas as suas teorias. Mas pelo menos ele não é tão negativo como você.

MIGUEL - Meu velho, esse sim, tinha um bom remédio. Uma boa ^{escapatória} . As montanhas! As alturas! Como ele gostava ... Economizava meses e meses, às vezes anos, para poder fazer a viagem até às montanhas. E de lá, a pé, até chegar ao cume. Ai ele ficava um tempo enorme ...o máximo que podia ... olhando o infinito ...



MIGUEL - ... absoevendo o silêncio... respirando fundo ... seu rosto se transformava lentamente ... se transformava... e logo dizia sorrindo: "Bem, agora aguento um pouco mais." (PAUSA) Seu maior desejo era ter uma pequena cabana nas alturas. Jamais pôde dar-se a esse luxo. (PAUSA) Sabe de uma coisa? Uma vez eu o acompanhei. So uma vez. Quando fiz dez anos. Foi seu presente de aniversário. E que presente! Nunca vou esquecer. Nunca. E sabe o que aconteceu antes de chegarmos lá em cima? Já tínhamos subido um bom pedaço, quando descobri, atrás de um grande arbusto, uma enorme rachadura na pedra. Eu logo quis entrar. Mas meu velho me agarrou pelo braço e me disse: "Não entres, pode ser perigoso." E eu respondi: "Deixe, papai, talvez tenha um tesouro escondido." (PEQUENA PAUSA) Desde então, eu tenho um pesadelo. De vez em quando. Sempre o mesmo. Eu, lutando com meu pai ... consigo me soltar ... me enfio nas rochas... percorro deslumbrado as vísceras da montanha... E não encontro mais a saída. (FICA OLHANDO O VAZIO).

SILVIA - (COM GRANDE SIMPLICIDADE) Eu te amo, Miguel.

MIGUEL - (IGUAL) Eu também, Sílvia. (PAUSA)

SILVIA - (VAI LENTAMENTE AO SEU LADO, SENTAR-SE NO SOFÁ) Pode lhe parecer absurdo. Muito absurdo. Mas neste momento, neste instante, me sinto feliz. Muito feliz. Sinto uma dessas centelhas ... dessas que já te falei muitas vezes... dessas que aparecem muito de vez em quando... te sinto tão perto de mim... tão dentro de mim... queria que durasse... que durasse horas e horas... (PAUSA) Foi num 3 de janeiro. Lembra? ~~Aquela noite...~~ (ELE TOMA A MÃO DELA) Você foi tão suave comigo. Tão delicado. ~~deixa. Com tanto amor. Eu...~~ Sou tua mulher e você, meu homem. (MIGUEL A PUXA PARA SI E COMEÇAM A BEIJAR-SE. PRIMEIRO COM SUAVIDADE E CADA VEZ MAIS APAIXONADOS) Meu querido. Meu amor. (DEITAM-SE NO SOFÁ. ELE LHE DESABOTOA A BLUSA E LHE BEIJA OS SEIOS) Meu amor. Minha vida. (DE REPENTE MIGUEL FICA IMÓVEL, COM A CABEÇA QUIETA SOBRE OS SEIOS DELA. E ABRUPTAMENTE SE LEVANTA E SE SENTA NA POLTRONA).

MIGUEL - Perdão. Sinto muito.

SILVIA - :(SE APRUMA E DURANTE TODA A CENA O OLHARÁ SEMPRE COM GRANDE TERNURA E LHE RESPONDERÁ COM GRANDE SUAVIDADE) Não se preocupe. (PAUSA)

MIGUEL - É a primeira vez.

SILVIA - Eu sei. (PAUSA)

MIGUEL - Nunca me aconteceu.

SILVIA - Esqueça. (PAUSA)

MIGUEL - Por que está me olhando?

SILVIA - Eu te amo. (PAUSA)

MIGUEL - É hora de dormir.

SILVIA - Não tenho sono. (PAUSA)

MIGUEL - Temos lua cheia.

SILVIA - Sim.

MIGUEL - Me angustia. (PAUSA) Em que pensa?

SILVIA - Não penso. Sinto. (PAUSA)

MIGUEL - Sábado vamos jogar tênis?

SILVIA - Como sempre.

MIGUEL - (TENTA ESBOÇAR UM SORRISO) Eu vou te ganhar.

SILVIA - (IGUAL) Como sempre. (PAUSA)

MIGUEL - Mário não joga tênis.

SILVIA - Não.

MIGUEL - Também não joga futebol.

SILVIA - Não.

MIGUEL - Eu, na idade dele, já jogava.

SILVIA - Sim, eu me lembro. Eu vi. (PAUSA)

MIGUEL - Vou construir uma casinha... bem pequena... uma cabana... no alto de uma montanha.

SILVIA - Eu acho ótimo.

MIGUEL - Amanhã vou procurar o lugar.

SILVIA - Esplêndido.

MIGUEL - E vou levar o Mário.

SILVIA - Ele não gosta das montanhas.

MIGUEL - Não?



SILVIA - Não. Ele gosta do mar. (PAUSA)

MIGUEL - Ele não sabe como é bonito. O bem que faz. Como tantas outras coisas que ignora. Ele não quer saber. Não quer conhecê-las. Você não acha?

SILVIA - Não estou tão certa.

MIGUEL - Mas é isso mesmo.

SILVIA - Está bem.

MIGUEL - Não importa. Logo aprenderá.

SILVIA - Sem dúvida.

MIGUEL - (ENTRA LENTAMENTE NUMA VIOLÊNCIA QUE VAI CRESCENDO) Os filhos sempre sabem tudo melhor. Não querem aprender com seus pais. Não valorizam nossa experiência. Eu não era assim, não. Eu fazia caso dos meus pais. (CAMINHA PELO APOSENTO) Por exemplo, a minha velha me ensinou, quando eu era um toquinho assim, a dar valor ao dinheiro. Me colocou na cachola. E eu guardei. Guardei. E tinha razão. Dizia que a maioria das pessoas desperdiça dinheiro para aparentar, ou em bares, ou em coisas desnecessárias. Sem falar que nem pensam no amanhã. E ainda por cima acham estranho quando ficam pelados ou quando não chegam ao fim do mês. Meu velho pensava como ela. Exatamente igual. Em casa nunca faltou o essencial. Nunca. Sempre havia o suficiente para comer. E estávamos sempre bem vestidos. Simples, mas bem. Não acredito que ele saiba dar valor ao dinheiro.

SILVIA - Quem?

MIGUEL - Como quem? Mario, quem mais? Não acredito que ele saiba dar valor. Você não acha?

SILVIA - Acho que ele não liga pra isso.

MIGUEL - Olha só que vivaldino! É porque ele tem.

SILVIA - E isso é motivo de bronca? Ele tem a sorte de ter, e você teve o azar de não ter tido, e pronto.

MIGUEL - Pra você é tudo muito fácil, não é? Principalmente quando se trata do seu filho. Claro, a leoa tem que defender a sua cria. (PAUSA) A você, ele tem ^{pedido,} mais dinheiro?

SILVIA - Não. É a você?

MIGUEL - (BAIXO) Não. (PAUSA. EM SEGUIDA COMEÇA A GRITAR) Também! Por que ele deveria ligar pra dinheiro? Não conhece privações, angústias econômicas, nasceu em berço de ouro, o mocinho. É claro que não pode ligar. Já nasceu bacana. Se



MIGUEL - Se tivesse tido uma infância como a minha, não pensaria assim, não. Saberia o quanto vale o dinheiro que custa ganhá-lo. Mas o que é que ele sabe disso?

SILVIA - Olha, Miguel. Ultimamente eu já ouvi você dizer isso umas vinte vezes. Por que você não fica feliz de poder dar a teu filho tudo o que você não pôde ter? Se o garoto esbanjasse dinheiro ou fosse algum vagabundo, eu até entenderia. Mas nada disso acontece. Muito pelo contrário.

MIGUEL - É que você não entende. Não entende.

SILVIA - Quem não se entende a si mesmo é você. (PAUSA)

MIGUEL - (BAIXO) Sim, pode ser que você tenha razão. Eu devo estar com um parafuso solto. Eu não acredito em nada... .. ou, melhor dizendo, já não acredito em mais nada... nem no que faço... nem no que fiz... Como é que eu posso explicar... me sinto como se estivesse atolado num pântano, ~~existem~~ ~~textos a serem~~ ~~deixados~~... afundando cada vez mais e mais... e não encontro onde me agarrar...

SILVIA - Eu já sei, meu amor, que você não anda nada bem. E já faz bastante tempo. Primeiro achei que você tinha se entusiasmado por outra mulher. Mas depois me dei conta que não. Que você tem é conflito consigo mesmo. O que não enxergo e o que não entendo é o porquê. Gostaria de te ajudar, mas também não sei como. A única coisa que me ocorre é que busquemos um bom psiquiatra que te ajude.

MIGUEL - Era só o que faltava! Engrossar a fila dos milhares que buscam ajuda nesses senhores. Já sei que para alguns faz até bem. Mas não para mim. Talvez consiga tranquilizar-me por uns instantes. Com pílulas ou sei lá o quê. Mas assim que o deixe e enfrente de novo a realidade, recebo novamente a mesma cacetada e fico como antes. E o pior é que tipos como eu existem cada vez mais e mais. Multiplicam-se como coelhos. E isso não é bom. Isso quer dizer que alguma coisa vai mal, muito mal.

SILVIA - Neste momento os outros não me preocupam. Me preocupa você.

MIGUEL - Ultimamente vivo ruminando tudo. Tudo. Pareço uma vaca.

SILVIA - É um sintoma típico da nossa idade, meu amor.

MIGUEL - Que típico, porra nenhuma. É o que se diz comumente. É o chavão de sempre. Mas eu conheço muita gente da nossa idade que não se questiona nada. Você, por exemplo, se questiona?

SILVIA - Não, para falar a verdade, não. Eu acho que ...



MIGUEL - (CORTA) Está vendo? Você está ótima!

SILVIA - E por que não deveria estar? Nos três temos saúde. Amo meu marido. Meu marido me ama. Nosso filho é inteligente, um belo rapaz. Não temos problemas econômicos. Ainda mais nessa época que vivemos. Que mais posso querer?

MIGUEL - (IRÔNICO) A felicidade! A felicidade total! Viva!

SILVIA - Você está pecando, meu amor.

MIGUEL - Essa história de pecado também já me torrou o saco. Às vezes tenho a sensação que todas essas idéias, estes dogmas que nos meteram na cachola, têm muito pouco a ver com nossa era espacial, com o mundo como está. Isto sem falar que dos muitos que pregam estas coisas, são muito poucos os que as põem em prática. São iguais aos políticos.

SILVIA - Você não vai mudar nada. O mundo é assim.

MIGUEL - É isso que me deixa mais puta, que não tem jeito, não tem maneira de mudar.

SILVIA - Se eu pudesse te ajudar. Faria qualquer coisa. Mas não sei como.

MIGUEL - Bem, chega! Já falamos muita bobagem. O que faremos agora? Brincamos de jogo da velha ou de cabra-cega?

SILVIA - Que tal um pouco de música? Sempre vai bem. (VAI AO TOCA-DISCO E COLOCA UM ROCK MUITO EM MODA)

MIGUEL - Era só o que faltava!

SILVIA - Por que? (DANÇA E CANTA BAIXINHO AO RITMO DA MÚSICA) É música jovem.

MIGUEL - Esta música é como eles. ^{Sempre a mesma, é só barulho} ~~Toda igual~~. Não há tímpano que aguente. Já reparou como eles são de costas? São todos iguais. O mesmo corte de cabelo, desajeitados, ~~com a bundinha como~~ a bundinha como dois limões e as pernas como se fossem ^{dois} spaghetti metidos em jeans. Ninguém sabe se é macho ou fêmea.

SILVIA - Você está um pouco atrasado, querido. Já era pra ter se acostumado a essa moda. Pra mim tem um certo toque excitante.

MIGUEL - Isso sem falar da linguagem. A gente precisa de um intérprete pra decifrar. E também falam todos iguais.

SILVIA - (SEMPRE DANÇANDO) Mas vejam só quem fala! Justamente você com seu léxico todo especial! Aprenda com seu filho, senhor. Ele sim, sabe falar bem.

MIGUEL - Claro que sim. (IRÔNICO) Ele tem pretensão de ser um intelectual. Sentado no olimpo. Ouvindo lá de cima o que resmungam os arterioscleróticos.



SILVIA - (COM DUPLO SENTIDO) Eu posso te garantir que as tuas artérias ^{da} funcionam muito bem.



MIGUEL - E as de Jorge, como funcionam?

SILVIA - (PÁRA DE DANÇAR) Você é um calhorda, Miguel! Um verdadeiro calhorda! (DESLIGA O TOCA-DISCOS)

MIGUEL - Mas senhora, que maneira de falar é essa?

SILVIA - Eu devia ter imaginado que um dia você iria explorar isso. Que ingênua que eu sou! E isso que cada vez que ^{nossa} ele chega em casa eu lhe peço para ficar conosco. Mas não. Você sempre tem uma desculpa. Que está cansado, ocupado, e não sei mais o quê. E sempre diz o mesmo quando saímos um pouco. Si, é isso mesmo. Chego a te implorar que nos acompanhe. Mas não. Amarra logo a cara e fica em casa. (PEQUENA PAUSA) Agora me escuta bem. (ENFATIZA) Eu não tive e não tenho nada com ele. Nem com ele, nem com ninguém. Nunca. Seria incapaz de te colocar chifres. E não é apenas por você, não. Mas por mim. Porque depois eu não poderia me olhar no espelho. Não sou como você, que de vez em quando dá as suas escapadas e depois volta todo satisfeito. Você é como um cachorro que sai da água. Se sacode, e pronto. Não aconteceu nada.

MIGUEL - (LADRA)

SILVIA - Não vejo graça nenhuma.

MIGUEL - Desculpa. Foi uma brincadeira de mau gosto. Esta bem, está bem. Não foi nada.

SILVIA - Realmente eu não entendo por que você tocou nesse assunto.

MIGUEL - Eu também não entendo muito bem.

SILVIA - E então?

MIGUEL - (PEQUENA PAUSA) Já que estamos falando dele, posso te fazer umas perguntas?

SILVIA - Pra que?

MIGUEL - Pra me ajudar. Você mesma disse que gostaria de me ajudar.

SILVIA - Outra vez eu não entendo mais nada.

MIGUEL - Você já vai entender. Por favor.

SILVIA - Está bem. Vamos lá, então.

MIGUEL - (PEQUENA PAUSA) Você me disse que ele era inteligente. No mínimo mais inteligente que eu ...?

SILVIA - Mas, que pergunta é essa? De maneira alguma ele é mais inteligente que você.

MIGUEL - Mas é mais culto.

SILVIA - Bem, como é que eu posso dizer ... é um homem que estudou ... viajou muito... seus pais foram...



MIGUEL - (CORTANDO) Chega! Está muito claro.

SILVIA - O que é que está tão claro pra você? O que te preocupa? A cultura? A cultura é informação, comportamento. São bens adquiridos. Já a inteligência, ao contrário, é um tesouro que nasce com a gente. Algo verdadeiramente da gente. E você tem esse tesouro.

MIGUEL - Bela diferença! Um é um bem adquirido por trabalho, dedicação. E a inteligência é um dom que nos vem de cima. Grátis.

SILVIA - O que você está dizendo é um absurdo. Mas não tem sentido discutir contigo.

MIGUEL - E sobre o que vocês conversam?

SILVIA - Eu sei lá. milhões de coisas.

MIGUEL - Do grosso do teu marido, por exemplo.

SILVIA - Não diga besteira. Além do mais, ele te respeita muito.

MIGUEL - E como não vai me respeitar! Se eu der um sopro ele se espatifa na parede!

SILVIA - (SORRINDO) Não é por isso. Mas continue.

MIGUEL - Não, continua você. Do que é que conversam?

SILVIA - ... ah, sei lá...falamos muito de nossa juventude. Você sabe que os pais dele eram muito amigos dos meus.

MIGUEL - Isso mesmo.

SILVIA - Que quer dizer com isso?

MIGUEL - Vamos em frente. Ele é mais sensível do que eu?

SILVIA - Pra que todas essas comparações?

MIGUEL - Você disse que iria me ajudar.

SILVIA - Está bem. É diferente.

MIGUEL - Que quer dizer "diferente"?

SILVIA - Eu não acredito que existam duas sensibilidades iguais. Os dois são sensíveis cada um à sua maneira.

MIGUEL - Então a questão está no trato, no comportamento.

SILVIA - Também não existem duas pessoas de comportamento igual.

MIGUEL - É claro. Ha quem seja mais delicado, mais fino, e quem não seja nada disso.

SILVIA - Eu não disse isso.

MIGUEL - Não disse diretamente, mas ... continuemos.

SILVIA - Você insiste em querer interpretar o que eu não disse.

MIGUEL - Ele é um sujeito carinhoso, não é?

SILVIA - Se neste ponto também quer uma comparação contigo, te asseguro que você é a pessoa mais carinhosa que conheço.

MIGUEL - E como ele é, então?

SILVIA - Talvez um pouco auto-suficiente. Pelo menos em alguns aspectos. Possivelmente porque é demasiado seguro de si mesmo.

MIGUEL - Com isso você quer dizer que eu sou um inseguro.

SILVIA - Eu não quis dizer isso. Mas sim. Você é um inseguro. Como quase todos os inteligentes. E agora chega, por favor!

MIGUEL - Está bem. Vou fazer um pequeno balanço. De acordo com as centelhas que acabo de sentir.

SILVIA - Mas ...

MIGUEL - Deixe-me pensar, por favor. Vamos ver, como foi mesmo? Ah, sim. Primeiro round: inteligência. Primeiro ponto a meu favor. Segundo round: cultura. Primeiro ponto contra.

SILVIA - Espera um pouco...

MIGUEL - Não me faça perder o fio, por favor. Terceiro round: tema de conversa. Segundo ponto contra. Quarto round: sensibilidade. De início parecia um empate, mas finalmente foi um ponto fulminante contra. Quinto round: ternura. A meu ver, tem o mesmo resultado que o anterior. Resumindo: os quatro pontos contra me dão pistas muito claras para me situar. Me conhecer.

SILVIA - Está tirando conclusões falsas. Totalmente falsas.

MIGUEL - Não, não. Para mim são conclusões muito precisas.

SILVIA - (COM RAIVA QUE VAI CRESCENDO) Além de tudo, você deu às centelhas um sentido totalmente diferente do que eu costumo dar. Para mim, as centelhas são um lampejo de felicidade. E para você parece que são instantes onde se sente agredido, diminuído. Deixe de se torturar de uma vez por todas. Nós temos razões de sobra para estar contentes, felizes, e ponto.



MIGUEL - Podem ser razões suficientes pra você. Te felicito. Mas já há algum tempo que não são pra mim. (PEQUENA PAUSA) Bem, já não tenho mais saco. Quero ir embora daqui. Vou ver se o champanhe está gelado. Tomamos um copo e vamos embora. (SAI. SILVIA FICA IMÓVEL POR UM MOMENTO, EM SEGUIDA VAI AO TOCA-DISCOS E COLOCA "AS QUATRO ESTAÇÕES" DE VIVALDI, A PARTE DO INVERNO A TODO O VOLUME. ESCUTA UNS SEGUNDOS E LOGO SAI PELA PORTA DE ENTRADA. COM O CENÁRIO VAZIO SE ESCUTA UM MOMENTO SOMENTE A MÚSICA. MIGUEL VOLTA E JÁ FALA ANTES DE ENTRAR) Ainda mão está gelado... (NOTA A AUSÊNCIA DE SILVIA) Silvia? ... Silvia! (VAI ATÉ A JANELA E GRITA PARA FORA) Silvia!... Silvia! (CORRE PARA FORA E GRITA DE LÁ) Silvia!... Silvia!...(VOLTA) Silvia!

SILVIA - (APARECE POR TRÁS DA JANELA) Que aconteceu, querido?

MIGUEL - Onde, merda, você se enfiou?

SILVIA - Saí pra respirar, ^{um pouco} nada mais.

MIGUEL - E não me ouviu gritar?

SILVIA - Sim.

MIGUEL - E por que não me respondeu?

SILVIA - Porque me encantou o jeito de você me chamar. Era como se gritasse: "te amo, preciso de você".

MIGUEL - Olha que gracinha. Enquanto isso eu estava assustado, achando que tinha te acontecido alguma coisa.

SILVIA - Mas meu amor, o que poderia me acontecer? Estamos tão longe da estrada e até aqui não vem ninguém. Além disso, eu conheço cada pedra, cada arbusto deste lugar.

MIGUEL - Isso é garantia de que não vai te acontecer algo. Principalmente nesses tempos loucos que vivemos.

SILVIA - Sabe até onde eu fui? Até aquela fileira de árvores. Aquelas que meu avô plantou. Sabe que há alguns anos atrás elas formavam um círculo que rodeava quase toda a casa? Você não imagina a sombra que dava. Era como um manto. E sabe o que aconteceu? Meu avô teve durante muitos anos um capataz. Chamava-se José. Sim, José. Era um homem muito honesto e trabalhador. Já nem me lembro quantos anos serviu nossa família. So sei que foram muitos. Bem, um dia José resolveu cortar as árvores. Quando meu avô chegou, ele já tinha arrancado a metade. Meu avô ficou tão furioso que o despediu na hora. José dizia



SILVIA - ... que não presta ter árvores no campo. É. Porque debaixo de suas sombras não se pode plantar nada. Que suas enormes raízes tiram toda a força da terra. Achava que Deus criou a terra para nos dar frutos. Que é um pecado não aproveitar cada pedacinho de terra. Depois de algum tempo meu avô quis trazê-lo de volta. Mas José não quis voltar. Tinha comprado um terreninho para plantar à sua maneira. Muito mais tarde ficamos sabendo que passou o resto da vida e não conseguiu pagá-lo. Mas dizem que estava feliz. Muito feliz. (PEQUENA PAUSA) Sabe de uma coisa? Agora estou me dando conta de que nem meu avô nem meu pai mandaram replantar as árvores.



MIGUEL - Nem tampouco plantaram outra coisa.

SILVIA - Olha o que eu encontrei. (MOSTRA-LHE UMA FERRADURA DE CAVALO)

MIGUEL - Devem haver aos milhares atiradas por aí.

SILVIA - Que nada. Já não há tantas. Muito menos por aqui, que nunca passa ninguém. Além do mais, encontrar uma de noite, com lua cheia, traz sorte. O que me diz?

MIGUEL - (IRÔNICO) Meus parabéns! Acertou a quina da loto!

SILVIA - Toma. (ALCANÇA-LHE PELA GRADE)

MIGUEL - O que você quer? Que me crave? (LEVANTA UM PÉ E A COLOCA SOBRE A SOLA DO SAPATO) Preciso de um número menor.

SILVIA - Bobo. Me faz um favor. Feche os olhos, concentre-se bem, pense naquilo que você mais deseja e depois jogue-a para trás. Você vai ver como seu desejo se realiza.

MIGUEL - Bobagem! (JOGA A FERRADURA PARA FORA. DESLIGA O TOCA-DISCOS)

SILVIA - Não é bobagem, não. (PEGA A FERRADURA E VAI CORRENDO PARA DENTRO, DEIXANDO A PORTA ENTREABERTA) Você sabe que agora todo mundo anda falando nas ondas positivas e negativas. É só aplicar o mesmo aos pensamentos positivos. Por favor! Faz o que eu estou pedindo e você vai ver o que aconteça. Quando eu era criança eu fiz isso várias vezes e deu ótimos resultados.

MIGUEL - Superstições idiotas. Então com o inverso deveria se dar o mesmo. Você deseja mal a uma pessoa e pronto, ela se arreventa! (ou barulho com a boca - pfff)

SILVIA - Sim, e é mais ou menos assim.

MIGUEL - Então num país onde existe um ditador, com os milhões de cidadãos que o odeiam, ele não poderia viver nem vinte e quatro horas.

SILVIA - E vê só como é que eles sempre terminam.

MIGUEL - Sim. Mas tarde demais. Deixando sempre um rastro de mortos e desfigurações de todo tipo. Ora, faça-me o favor! O que conta na vida, minha querida, é o que se faz de concreto, e nada mais. De bons pensamentos e boas intenções o mundo esta cheio. Bem, chega de papo furado. Quero ir embora daqui. SILVIA FAZ O RITUAL DA FERRADURA. MIGUEL A OBSERVA) Se você acertar a quina da lotô, me mande um telegrama. Bem, vamos juntar as bugigangas e vamos embora.

SILVIA - (HESITA UM SEGUNDO E EM SEGUIDA CORRE ATE A PORTA, FECHA-A RAPIDAMENTE E, SEGURANDO A CHAVE, FICA EM PE NA FRENTE DA PORTA.) Não!

MIGUEL - Como?

SILVIA - Não!

MIGUEL - Que quer dizer "Não"?

SILVIA - (SORRIDENTE) Que não vamos embora.

MIGUEL - Como, não vamos embora?!

SILVIA - Eu acho que é melhor ficarmos.

MIGUEL - Olha, que eu não estou pra brincadeira!

SILVIA - (SORRIDENTE) Eu estou!

MIGUEL - (APROXIMA-SE DELA? TENTANDO DIMINUIR-SE) Abra!

SILVIA - (SORRIDENTE) Não!

MIGUEL - (MUITO ENÉRGICO) Eu estou dizendo pra abrir!

SILVIA - Está bem. (VIRA-SE E RAPIDAMENTE TIHA A CHAVE DA FOLHADURA E CORRE PARA O OUTRO EXTREMO DO QUARTO) tente sair agora.

MIGUEL - (AMEAÇADOR) Me dê essa chave!

SILVIA - (RI, DESAFIANTE) Venha buscá-la.

MIGUEL - Já te disse que não estou para brincadeira!

SILVIA - (APARENTEMENTE DIVERTIDA) Ai! Que medo ! Olha como estou tremendo! É linda a chave, não? Grandinha. Parece e de São Pedro. Venha buscá-la.

MIGUEL - Me dê, porra! (COMEÇA UMA CORRIDA POR TODO O QUARTO. EM VOLTA E EM CIMA DOS MÓVEIS. SILVIA GRITANDO E RINDO PROVOCADORAMENTE. MIGUEL CADA VEZ MAIS FURIOSO, MALDIZENDO-A. FINALMENTE, SILVIA ATIRA A CHAVE PELO JANELA E CAE exausta sobre o sofá. MIGUEL OLHA DESCONCERTADO) O que você fez ?



SILVIA - (RINDO) O que você acaba de ver. Joguei a chave fora.

MIGUEL - Você ficou louca! Completamente louca!

SILVIA - É, a convivência contagia, meu amor.

MIGUEL - Não sei se você sabe, mas estamos presos. Não há como sair daqui.

SILVIA - E como não vou saber? Graças a meu avô que construiu uma casa sólida, com grades grossas em cada janela e com uma única entrada.

MIGUEL - Eu não entendo mais nada. Nada.

SILVIA - Então somos dois.

MIGUEL - (CONTINUA DESCONCERTADO) E agora, o que fazemos?

SILVIA - Nós viemos pra quê? Pra festejar, não é? Pois é o que faremos. ~~Seja lá como for, o importante é festejar~~ Com briga ou com beijos, vamos festejar.

MIGUEL - Absurdo! Totalmente absurdo. (CAMINHA PELO QUARTO COMO UM LEÃO ENJAULADO. DÁ UM PONTAPÉ NA PORTA.) Merda ... (DÁ UM GRITO E LEVANTA A PERNA, PEGANDO O PÉ ENTRE AS MÃOS) Ai, ai, ai!

SILVIA - Eu já te disse, meu amor, que aqui tudo é muito sólido.

MIGUEL - Ai! ai! Acho que quebrei o dedo. Ai!

SILVIA - Deixe eu ver. Senta aqui e me dá o pezinho. (TIRA-LHE O SAPATO E FAZ MOVIMENTOS COM O SEU DEDÃO DO PÉ. MIGUEL GRITA) Comporte-se, macho.

MIGUEL - Está doendo, porra.

SILVIA - Quebrado não está. Você bateu com a unha. Por isso dó tanto. Fica quietinho que eu vou trazer um pouco de água fria. (SAI)

MIGUEL - Vejam só que maravilha. Enjaulado e machucado.

SILVIA - (DE FORA) Te acalma que também não é tão grave assim.

MIGUEL - (MURMURANDO) Porta de merda. Casa de merda!

SILVIA - (DE FORA) O que te aconteceu chama-se causa e efeito. Você hoje insultou meu avô. E aí veio a sua resposta. (RI)

MIGUEL - (MURMURANDO) Porra, até do túmulo ele enche o saco.

SILVIA - (VOLTA COM UMA BACIA ANTIGA DE LOUÇA, COM ÁGUA) Pronto, pronto. Põe o pé aqui dentro.

MIGUEL - (OBEDECE) Ai!

SILVIA - O que foi agora?

MIGUEL - Está fria.

SILVIA - Claro. Vem diretamente do poço. Além do mais, tem que ser assim mesmo. Você vai ver como alivia. Fica um instante assim, quieto.

MIGUEL - (OLHA PRA SI MESMO) Me sinto completamente ridículo.

SILVIA - Ah, pra mim você está uma gracinha. (RI)

MIGUEL - Em vez de rir, você devia pensar numa maneira de sairmos daqui.

SILVIA - Mas meu querido, nós estamos presos. Não tem maneira de sair. Mas de fome nós não vamos morrer. Com o que trouxemos, e principalmente com o que tem aqui, podemos viver um bom tempo. O principal nós temos: água.

MIGUEL - (COMO UM MENINO MIMADO) Eu quero sair daqui.

SILVIA - Não se desespere. Alguma coisa vai acontecer. Sempre acontece alguma coisa. (DIVERTIDA) Talvez passe por aqui um vagabundo ou um vendedor ambulante e nos alcance a chave e nos salve! (RI) Mas por ora o destino nos prendeu.

MIGUEL - Não vem com essa de destino. Foi você que nos fechou aqui.

SILVIA - (SORRIDENTE) E por que o destino não pode se servir de mim?

MIGUEL - Em vez de dizer besteira, por que não pensa em algo concreto? Não se guarda outra chave nessa casa não, hein?

SILVIA - Não. Aliás, você sabe muito bem. Há muitos anos que você vem aqui.

MIGUEL - Que irresponsabilidade.

SILVIA - Sua também, não? (MIGUEL NÃO RESPONDE) O que você quer que eu faça? (CONTINUANDO) O que é que você propõe? (SE EMBURROU) Ficou mudo. (IGUAL) Bem, pelo jeito tenho que assumir o comando. Lesionado e mudo. O que está evidente é que você quer sair daqui. Então, isto se resolve como uma operação bélica. O inimigo ... putzgrila ... qual é o inimigo? (IGUAL) Continua mudo. Há ou não há inimigo? (IGUAL) Talvez tenha sido um extraterrestre que o deixou sem fala. Um desses com corpo de salsicha enrugada e com uma cabeça que parece um abacate podre. A mim ele não deixou paralizada. Porque o malandro tem outras intenções comigo.

MIGUEL - Deixa de palhaçada.

SILVIA - Está bem. Vou ficar séria. Olha que séria que eu estou. (MIGUEL SORRI AO VER A CARA QUE ELA FAZ) Toda operação bélica tem um nome. Eu vi nos filmes. Que nome vamos pôr? Tem que ser um nome importante, para uma operação importante. Você não tem nenhuma idéia? (NÃO RESPONDE) Já sei! O nome que você





SILVIA - mais gosta. O que escolheu para seu filho.

MIGUEL - (MUITO ABORRECIDO) Mário não tem nada a ver com isso.

SILVIA - Evidentemente hoje não é meu dia. Não emplaco uma.

MIGUEL - O bacana tinha que vir no carro dele. Claro. Viajar no carro dos velhos não tem a menor graça.

SILVIA - Não seja injusto, Miguel. Você sabe perfeitamente que ele estava pensando em voltar amanhã para uma reunião, enquanto nós queríamos ficar um dia mais.

MIGUEL - É isso aí! Suas reuniões são sempre mais importantes do que estar com os "coroas."

SILVIA - Já faz muito tempo que eles se reúnem às quintas e domingos-lá em casa. É óbvio que ele tem que estar presente.

MIGUEL - Essas reuniões também já encheram o saco.

SILVIA - Ele as faz no quarto dele. Fecha a porta e não incomoda ninguém.

MIGUEL - Pelo jeito a vocação de advogado ele herdou de você.

SILVIA - Bem, voltemos ao ponto de partida. Vou começar. É preciso distribuir as tarefas. Como você ficou fora de combate, eu assumo o comando por falta de competência. (COLOCA NA CABEÇA UMA VASILHA DE COBRE QUE ESTAVA PENDURADA NA PAREDE) Já estou equipada. Minhas condecorações se perderam no fragor da batalha. (MIGUEL, AO VÊ-LA COM A PANELA NA CABEÇA, SORRI) Não brinque, recruta. A coisa é séria. Que general mais mixuruca que eu sou. Nem sequer tenho um miserável soldado raso que me dê uma mão. (PEGA UM REBENQUE. #TGARRETA. COM TOM MILITAR) Aaaatenção! Avançar! (CAMINHA MILITARMENTE PELO APOSENTO E GESTICULA COM O REBENQUE) Em primeiro lugar, inspecionar a casa. Paredes grossas, porta sólida, grades em todas as janelas. Não há machado nem outra ferramenta que nos sirva para sair. Numa palavra, estamos fritos!

MIGUEL - Às vezes pelo que Mário...

SILVIA - Não me distraia, recruta. Agora, o inventário dos mantimentos. Proponho que tudo o que tiver se divida por dois. Democraticamente. Está de acordo?

MIGUEL - Você não acha que o garoto...

SILVIA - Não mude de assunto. Está de acordo ou não? (MIGUEL CONTINUA NA DELE) Seu silêncio tão eloquente me diz que sim. Vou buscar os alimentos para fazer a divisão. Você não se incomode, recruta. Cuide do seu ferimento grave. (DESAPARECE PELA PASSAGEM)

MIGUEL - (PARA SI) Fiz tudo o que pude... auto-suficiente de merda. (TIRA O PÉ DA RACTA E FAZ MASSAGENS NO DEDO)

SILVIA - (VOLTA COM O PACOTE DOS SANDUÍCHES) De quais você gosta mais? Dos de presunto e queijo ou os de patê e legumes?



MIGUEL - Não é verdade que eu fiz tudo o que pude?

SILVIA - E continua com a ladainha. (ENQUANTO SEPARA OS SANDUÍCHES) Bem, aqui está. Metade para cada um. E agora, buscar o que tem na despensa. (DESAPARECE PELA PASSAGEM)

MIGUEL - (LEVANTA-SE E TENTA CAMINHAR, FAZENDO EXERCÍCIOS COM O DEDO DO PÉ) Tem de tudo, não? (SILVIA NÃO RESPONDE) Quem me dera que eu tivesse tido tudo. O ~~miserp~~ ^{salário} de meu pai só dava pra gente comer e vestir. De que merda ele se queixa? (PEQUENA PAUSA) Não, não se queixa. Ah, eu sei lá!

SILVIA - (ENTRA CARREGADA DE LATAS E PACOTES) É tudo o que tem. É muito mais fácil para dividir.

MIGUEL - A você ele se queixou alguma vez?

SILVIA - O que você prefere: geléia de uva ou de framboesa? Porque tem mais de uva.

MIGUEL - É que não se queixa. Aí está o problema. Simplesmente se afastou de nós. Nem nos dá bola.

SILVIA - O café a gente divide a cada vez que fizermos.

MIGUEL - Foge da gente como o diabo foge da cruz.

SILVIA - Que bom. Temos ainda três quilos de açúcar.

MIGUEL - Você sabe porque ele se afastou de nós?

SILVIA - Temos mexilhões, sardinha, palmito, tomate...

MIGUEL - Você sabe, hein?

SILVIA - Esta lata tinha que ...

MIGUEL - (PEGA SILVIA PELOS OMBROS E A SACODE. CAEM AS LATAS QUE TEM NAS MÃOS E A VASILHA DA CABECA) Escuta aqui, eu te perguntei se você sabe por que ele se afastou de nós!

SILVIA - (MUITO DOCE) Não se afastou de nós. Se afastou de você.

MIGUEL - De mim!?

SILVIA - Não se faça de bobo, por favor. Ultimamente vocês não se falam, se gritam.

MIGUEL - Ele grita.

SILVIA - Você não ouve quando ele fala e também grita.

MIGUEL - O que acontece é que ele é um auto-suficiente de merda.

SILVIA - É da idade, meu amor. E você é pai dele. É mais velho. (PAUSA)

MIGUEL - Sabe pelo menos ... quero dizer, você acha que eu fiz tudo, tudo o que um pai deve fazer? Fiz? Fiz, Sílvia?

SILVIA - Eu acho que você sempre foi um bom pai.

MIGUEL - Você acha. E ele?

SILVIA - Acho que sim. Nos fins-de-semana você se dedicava inteiramente a ele.

MIGUEL - Nos fins-de-semana...

SILVIA - É o que você quer mais? Nos outros dias você chegava morto de cansado em casa.

MIGUEL - Sim, é verdade. Muito cansado. Quando ele era pequeno, nós brincávamos de esconde-esconde. Se lembra? Também levava ele no campinho para jogar futebol... E como ele gostava de chocolate.... Ele já não gosta mais de chocolate, não é?

SILVIA - Não. Agora ele fuma.

MIGUEL - Sim, fuma. Aliás, fuma demais, você não acha?

SILVIA - Acho que é por causa dos estudos.

MIGUEL - É mesmo. Desde que entrou para a faculdade, fuma como um louco.

SILVIA - (ORGULHOSA) Ele pensa no futuro, o nosso filho. Quer ser um bom advogado.

MIGUEL - Sim. Porque a fábrica não lhe interessa nada. Eu sempre conto pra ele o que estou fazendo e o que pretendo fazer. Pra ver se ele morde a isca. Mas não! Ele me olha e diz: "ah, sim" ou "não me diga" ou "muito bem" e ponto. E isso quando estamos juntos. Porque muitas vezes não estamos. Se está em casa, ou tem reuniões com aquelas figuras ou está com a cara num livro ou num jornal.

SILVIA - Na sua idade seria anormal que estivesse sempre em casa.

MIGUEL - Não duvido nada que já tenha uma noiva.

SILVIA - Que eu saiba, não.

MIGUEL - Seria o fim da picada.



SILVIA - (SORRIT) Na sua idade, eu já era sua noiva.

MIGUEL - Não me diga. (PEQUENA PAUSA) Também é o fim da picada.

SILVIA - Não precisa mais da água?

MIGUEL - Não, não. Acho que já estou bem.

SILVIA - Então trate de botar o sapato. (LEVA A BACTA PARA FORA)

MIGUEL - (ENQUANTO CALÇA O SAPATO E EXPERIMENTA, CAMINHANDO, SE AINDA SENTE DOR. FALA ALTO.) Eu sei desde quando ele não me dá mais bola. Eu sei.

SILVIA - (DE FORA) Desde quando?

MIGUEL - Desde que se juntou com aquelas figuras, aqueles caras que se fecham com ele lá no quarto.

SILVIA - (APARFECF) Será que eles não fumam maconha?

MIGUEL - Acho que não. Pelo menos, nunca vi eles em atitude suspeita.

SILVIA - Nem eu, mas... Não, não pode ser. O nosso Mário é madeira de boa árvore.

MIGUEL - Também não pretendo fazer nenhuma escultura dele. Quero um filho. Um filho a meu lado.

SILVIA - Teu filho te ama, Miguel.

MIGUEL - Qual! Ele ama é o avô. Você não viu a foto que ele ampliou do meu velho. Grande assim. Já a colocou em cima da escrivaninha. Bem no meio.

SILVIA - Ele sempre gostou muito do teu pai.

MIGUEL - Do mesmo jeito que do teu, da tua mãe e da minha. Mas agora, de repente, se tomou de amores pelo meu. Está sofrendo de avolite aguda.

SILVIA - É típico dos jovens. Eles se apaixonam por épocas. É cíclico.

MIGUEL - A-hã! Então, o meu ciclo já foi "pras cucuias"! O próximo, suponho será da mulher dele. E quando tiver enchido o saco, se eu tiver sorte, talvez se lembre de mim. E como os vermes já terão me consumido, amplia uma foto minha e coloca do lado da de seu avô. Ou, quem sabe, atira a do meu velho às traças porque é a minha vez. Parece que estou vendo.

SILVIA - Você está com ciúme, meu amor. Ciúme.

MIGUEL - Que ciúme coisa nenhuma. O que eu quero é curtir o meu filho agora. Ter contato com ele. Agora. Não quero me converter numa foto que se adora. E isso, na melhor das hipóteses.



SILVIA - Trate de se aproximar dele. Ouve o que ele diz.

MIGUEL - Eu já tentei. Várias vezes. Mas a única coisa que lhe interessa é a política. Ele me vem sempre com isso. Justo a mim, que não me interessa nada. Os políticos hoje dizem uma coisa e amanhã fazem outra. Prometem, prometem e raramente cumprem com o prometido. Neste mundo, cada um tem que se arranjar sozinho.

SILVIA - A mim tampouco me interessa a política. Mas talvez fosse uma maneira de se aproximar dele, escutando pelo menos.

MIGUEL - (QUASE PARA SI MESMO) Eu queria saber o que que o pirralho pensa de mim.
(A ELA) O que é que você acha?



SILVIA - Eu tenho certeza de que ele te ama.

MIGUEL - Mas, droga! Eu não te perguntei se ele me ama ou não. Perguntei o que ele pensa de mim. Ou, melhor dizendo, como ele me vê?

SILVIA - Você faz cada pergunta!

MIGUEL - Então eu mudo. Como você me vê?

SILVIA - Bem, para mim você continua sendo muito atraente.

MIGUEL - (COM VEEMÊNCIA) Mas Sílvia, não podemos basear a vida somente nos nossos sentimentos. Eu concordo que é importante. Até muito importante. Mas não é tudo. Não pode ser tudo. Tem que haver algo mais. Saber, por exemplo, por que compartilhamos nossa vida com uma determinada pessoa. Saber como ^{ela} é. Saber como a gente é. Descobrir como a gente é. E mais ainda. Saber por que estamos aqui. Justificar por que estamos aqui.

SILVIA - Nunca vi você falar assim.

MIGUEL - Você acha que já é tarde para me fazer essas perguntas?

SILVIA - (IM POUCO CONFUSA) Não, acho que não.

MIGUEL - Você nunca se perguntou esse tipo de coisa?

SILVIA - Não. Sou feliz assim. E isso, a meu ver, é o principal.

MIGUEL - Te felicito. Quase te invejo. Eu, de uns tempos para cá, me sinto um cara totalmente inútil. Sinto um vazio que às vezes parece me sufocar. E para cúmulo da desgraça, ainda estamos fechados. Era só o que faltava.

SILVIA - E para que você quer ir embora?

MIGUEL - Eu sei lá! Ultimamente, quando estou num lugar quero ir pra outro. E quando chego quero me mandar de novo. É como se tivesse formigas no rabo.

SILVIA - Mas já que somos obrigados a ficar aqui, vamos fazer do limão ^{uma} limonada.
 (CARINHOSA) Pensemos pelo menos uma vez em nós. No nosso aniversário. Por mais negro que você veja tudo agora, não pode negar que não foi nada mal. Então, vamos comemorar. Só nós dois e como manda o figurino. Eu vou pôr o vestido que comprei especialmente para esse dia. E você coloque o smoking.

MIGUEL - Ah, não! Nem sonhando!

SILVIA - Eu sei muito bem que a única vez em que você vestiu o smoking foi no nosso casamento. E desde então nunca mais vestiu.



MIGUEL - Naquela vez já me parecia um pinquim.

SILVIA - Você estava elegantíssimo, meu amor.

MIGUEL - Sim, tão elegantíssimo que um convidado me tocou no ombro e me disse: "uma Coca, por favor."

SILVIA - É que havia muita gente. Parecia um formigueiro. Não dava pra ver teu rosto. Foi isso.

MIGUEL - Ah, mas eu trouxe. Com bandeja e tudo. E ainda disse: "sirva-se, senhor".

SILVIA - Suponho que ele se desculpou.

MIGUEL - Sim. Murmurou qualquer coisa e sorriu como criança cagada. Depois se meteu num canto e tentou cochichar com umas pessoas que mal conseguiam disfarçar o riso.

SILVIA - Você nunca me contou. É uma piada bem engraçada.

MIGUEL - (SECO) Olha só como eu estou rindo.

SILVIA - Está bem. Não vou te obrigar a vestir o smoking. Também não vou botar o vestido.

MIGUEL - Sinto muito.

SILVIA - Não tem importância. Mas o champanha sim, esse nós vamos tomar. Tomara que já esteja gelado. Além do mais, estou com um pouco de fome. Você não? (DECLAMA) "Primeiro a ^{comida}, depois a moral". Não me lembro onde eu ouvi, mas vem a calhar. Por favor, põe um pouco de ordem por aqui, enquanto eu traço as coisas, sim? (SAI)

MIGUEL - (A CONTRAGOSTO VAI ARRIMANDO ENQUANTO MURMURA) Nem telefone tem nessa espelunca. (ALTO PARA SILVIA) Por que nunca se instalou um telefone neste barraco?

SILVIA - (DE DENTRO) Vovô não queria. Desejava ficar totalmente isolado.

MIGUEL - (MURMURA) Conseguiu, o velho! E continua me fodendo ! (A SILVIA) Pode-

MIGUEL - ríamos mandar uma mensagem de fumaça, S.O.S., por exemplo.

SILVIA - (VOLTA) O champanha ainda não está bem gelado. Temos que esperar um pouco mais. Mas eu estou morrendo de fome. (PEGA INS SANDUÍCHES QUE HAVIA TRAZIDO ANTES E OS OFERECE A MIGUEL) Quer?

MIGUEL - Não, obrigado.

SILVIA - (COMENDO) Uma coisa eu te garanto: hoje eu não durmo sem um brinde.

MIGUEL - Um brinde! Me diga, o que é que você quer brindar, hein?

SILVIA - Onde já se viu um aniversário sem um brinde? Bem, acho que brindaremos ao lindo futuro que nos espera.

MIGUEL - Que quer dizer "um lindo futuro"? Não entendo.

SILVIA - (IM POUCO CONFUSA) Bem... eu quis dizer ... ao futuro que você imagina.

MIGUEL - Como eu imagino? Você não entendeu nada, Sílvia. Acontece que eu não imagino futuro nenhum. Quanto ao meu passado, não sei se foi bom ou ruim. O presente não me agrada e o futuro é uma nebulosa absoluta para mim.

SILVIA - Você sabe muito bem o que eu penso da convivência:

MIGUEL - (VIOLENTO) Mas porra! Não estou falando da convivência. Quando é que você vai entender isso? O que me preocupa, o que me angustia, é o fato de não saber por que merda estou aqui. E muito menos sei o que quero fazer... o que devo fazer... o que não devo fazer... Eu sei lá!.. É uma barafunda dos diabos. Você se dá conta agora que pouco sentido terá o seu brinde? (DIRIGE-SE À JANELA)

SILVIA - (BAIXINHO) Se você acha que eu sou um obstáculo... enfim, que agora eu te incomodo... se você quer... pode se considerar livre.

MIGUEL - Não diga besteira, está bem? (PAUSA)

SILVIA - (NÃO SABENDO O QUE FAZER, PEGA UMA CAIXA, ABRE E DESPEJA SEU CONTEÚDO SOBRE A MESA) Faz tempo que não vejo essas fotos. Olha, essa aqui é daquela reunião em que você se declarou. Que estranho soa isso de "declarar-se". Hoje já não se usa mais, não é mesmo?

MIGUEL - Não, hoje vão diretamente para a cama. Não são tão bobocas como nós éramos.

SILVIA - (QUERENDO SER MALICIOSA) Você não foi nenhum santinho, diga-se de passagem.

MIGUEL - (MORDAZ) Eu não podia deixar escapar a presa:





SILVIA - O que quer dizer com isso?

MIGUEL - Nada (PAUSA)

SILVIA - (PEGA UMA FOTO E A LEVANTA NO AR) Olha só teu pai! Que bonito que ele era. Olha só. Com sua estampa varonil... (MIGUEL ARRANCA A FOTO DA MÃO DELA) Mas o que é isso? Eu não estava brincando. Você sabe muito bem como eu gostava dele.

MIGUEL - (COLOCA A FOTO SOBRE UM FRISO DE LAREIRA OU ALGO PARECIDO) Oi, papai, aqui está teu filho: Miguel. Teu único filho! Tua esperança. Está contente com ele? Ele foi longe, você não acha? Muito mais do que você. Logo de cara chegou a diretor da fábrica onde você foi operário durante toda a vida. E não sou apenas o diretor. Sou também o dono. Dono! Claro, o vivaldino aqui se casou com a filha do patrão.

SILVIA - Já chega, Miguel.

MIGUEL - Por favor, não me interrompa. Estou falando com meu velho. E aqui está Sílvia, papai. Está vendo? Tenho até uma mulher mais elegante do que a tua. Sem falar no vidão que eu levo. Mas numa coisa empatamos. Você teve um só filho e eu também. Mário estuda advocacia. É um bom aluno. Muito bom. Sabe muito. Muito. E sabe de uma coisa, papai? Mário ampliou uma foto tua e colocou na sua escrivaninha. Junto dos seus livros. Sim, seus livros. Que são para ele o seu maior tesouro. Como vê, te erigiram um altar. Foi, teu neto. Não teu filho. (PEQUENA PAUSA. COM LÁGRIMAS) Mário me critica, papai. Eu nunca te critiquei. Nunca me teria atrevido. Na verdade... Mário já não me critica mais... Não, não é verdade... Hoje mesmo me criticou. Hoje. Aqui. Me criticou e foi embora... Se mandou. Você acha que ele tem esse direito? Acha que tem razão? (PEQUENA PAUSA) Pois é papai. Cá estou eu. Está contente, papai, está orgulhoso de teu único filho?

SILVIA - Eu estou orgulhosa de você. (COMEÇA A GUARDAR AS FOTOS NA CAIXA)

MIGUEL - Não, me dá aqui.

SILVIA - Te faz mal olhar pra elas, meu amor.

MIGUEL - (TIRA A CAIXA DA MÃO DELA) Pelo contrário. Me faz muito bem. Me ajuda. Aqui o temos outra vez. O jovem Miguel. Dezesete anos, altura: um e setenta e cinco, cabelos castanhos, olhos castanhos, profissão: nenhuma. Trabalha como auxiliar de escritório. Sinais particulares: ambicioso. Metas a conseguir: todas. (BAIXA A FOTO) E... as conseguiu. Estado de espírito atual: uma merda. (ACENDE UM ISQUEIRO E QUEIMA A FOTO EM SUA MÃO)

SILVIA - Mas por Deus! O que você está fazendo?

MIGUEL - (COLOCA O RESTO DA FOTO EM UM PRATO, ONDE CONTINUA A QUEIMAR) Descanse em paz.

SILVIA - Eu não gosto nada disso.



MIGUEL - É o crematório post-mortem de Miguel.

SILVIA - Agora você já está beirando o masoquismo. Continue, continue mais. Aqui você vai encontrar muito material para alimentar sua nova veia. Vá em frente que é muito divertido.

MIGUEL - (PEGA OUTRA FOTO) Olha só esta, Miguel com sua noiva exuberante. A filha do patrão. Olha bem pro tipo. Não tem um jeitão de vivaldino?

SILVIA - Absurdo. Totalmente absurdo.

MIGUEL - Aqui o temos outra vez. Recém casado. Já com cara de triunfo.

SILVIA - Procure, procure que tem mais fotos. Já, já você encontra outra para os seus deboches.

MIGUEL - Ah-há! Nossa viagem de núpcias.

SILVIA - Ah, esta não! Vê se você poupa pelo menos essa.

MIGUEL - Tem razão. Não tenho o menor direito de criticar. Foi teu pai quem pagou.

SILVIA - Não fala bobagem. Não tem nada a ver. Foi uma viagem maravilhosa e uma recordação inesquecível para nós dois. E eu não vou permitir que você destrua essa também. Além do mais, meu pai sempre gostou muito de você.

MIGUEL - É verdade. Não posso negar. Mas tua mãe, não. Você sabe muito bem. Ela sempre se incomodou com o fato de eu...

SILVIA - (CORTANDO) Bem, você sabe como era mamãe. Um pouco à moda antiga.

MIGUEL - Ah! É assim que se chama agora? Conheço muita gente "à moda antiga". Soa quase distinto. Às vezes você é genial, Sílvia. Realmente genial. Mas continuemos. Cá estou eu outra vez. Já convertido em patrão. Olha só o sorriso ensaiado. Olha com que "benevolência" abraça os operários.

SILVIA - A imagem viva do drácula. Por favor, não enche mais. Você sempre tratou muito bem os empregados.

MIGUEL - Claro que os trato bem. Preciso deles.

SILVIA - Todos precisam deles. Mas nem todos os tratam bem.

MIGUEL - Porque são uns imbecis, ~~Exatamente, vão o falecido~~ mas com o tempo sempre acabam perdendo. Quando se vem de uma família de operários, sabe-se como se deve tratá-los para que rendam.

se jogando lama

SILVIA - Continue ~~chutando~~, se isso te faz bem.

MIGUEL - (PEGA UMAS FOTOS E DE REPENTE AS ATIRA PARA DENTRO DA CATXA)

SILVIA - Essas aí eu não posso ver?

MIGUEL - Não vale a pena. São da inauguração da nova fábrica.

SILVIA - Mais um motivo. Com licença. (PEGA AS FOTOS) Claro, é lógico. Ao teu lado, como sempre, está a inseparável Mirta.

MIGUEL - O que você quer insinuar com isso?

SILVIA - Eu sempre soube o que houve entre vocês.

MIGUEL - Não diga bobagem.

SILVIA - Justamente, não foi uma bobagem. Por isso eu nunca te disse nada.

MIGUEL - Eu não estou compreendendo.

SILVIA - Mas é tudo tão claro. As tuas outras aventuras eram inofensivas. Com uma pequena intervenção minha morriam na casca. Mas com esta eu tive que agir de outra maneira.

MIGUEL - Bem, vá lá. Eu reconheço que tive alguma coisa com essa moça.

SILVIA - Ela foi algo mais do que uma "moça" para você. Pelo menos você achava isso.

MIGUEL - Suponhamos que seja verdade. Por que você não interveio?

SILVIA - Eu teria te perdido.

MIGUEL - Não estou entendendo.

SILVIA - Você quer que eu explique?

MIGUEL - Não. Acho que não tem importância.

SILVIA - Eu tenho certeza que vai ajudar na tua busca.

MIGUEL - (CHATEADO) Não vejo porquê.

SILVIA - Você vai ver já, já. Posso te fazer uma pergunta a respeito dessa relação?

MIGUEL - Você quer é se vingar das que eu te fiz ainda há pouco.

SILVIA - Eu não sou tão infantil, querido.

MIGUEL - Está bem. Vamos lá. (PAUSA)

SILVIA - Vocês... se conheciam desde crianças?

MIGUEL - Sim.



SILVIA - Filha de um operário da fábrica?

MIGUEL - Sim.

SILVIA - Ela já trabalhava lá, quando você assumiu a direção?

MIGUEL - Não.

SILVIA - Você que lhe deu o emprego?

MIGUEL - Sim

SILVIA - E como vocês se entendiam?

MIGUEL - Bem.

SILVIA - Em todos os sentidos?

MIGUEL - (ABORRECIDO) Sim.

SILVIA - Em algum momento você pensou em ficar com ela?

MIGUEL - Sim.

SILVIA - E por que não ficou?

MIGUEL - (BAIXO) Não sei.

SILVIA - É claro que sabe.

MIGUEL - (GRITA) Não sei. Não sei!

SILVIA - É claro que sabe. Você sabe muito bem. Ela agora já não serve para você. Agora não. Poderia ter dado certo há vinte e cinco anos atrás. Mas não agora. E eu sabia que com o tempo você acabaria se dando conta.

MIGUEL - Ah-há! Tá! Eu tenho razão! Eu mudei! Aí está a prova. Mudei!

SILVIA - Não, meu amor. Você não mudou. Você evoluiu.

MIGUEL - Evolui? Em que? Em viver bem, com dinheiro? Sim. E isso você chama evoluir?

SILVIA - Não me refiro ao sentido material, embora aí também você tenha avançado muito.

MIGUEL - Porque me casei contigo. Também, me caiu do céu...

SILVIA - Sem dúvida, você teve uma oportunidade. Mas rendeu, e muito. Você triplicou a produção. Graças a você a fábrica funciona muito bem, apesar dos maus tempos.

MIGUEL - E você considera isso um grande mérito? Isso é que é evoluir?

SILVIA - Sim, em parte sim. Todo ser humano deseja atingir alguma coisa. Possuir mais. E você possui mais.



MIGUEL - Mas isso não pode servir de meta pra ninguém. Pelo menos pra mim, não serve.

SILVIA - Mas não é só uma questão material. Você evoluiu também como intelectual como socialmente.



MIGUEL - Quanto ao primeiro e ao segundo, tenho minhas dúvidas. No terceiro, não sei. Graças à boa professora que tenho. Não, não estou te reprimando, não. Eu até te agradeço. Mas, minha querida, isso é mérito seu.

SILVIA - Não há jeito de conversar com você, não é, Miguel? Você destrói tudo, e o que é pior, destrói a si mesmo.

MIGUEL - Também nisso você está equivocada. Eu não destruo nada. Analiso, procuro,, penso. Talvez seja esta a primeira vez em que faço isto em minha vida. Provavelmente seja um tanto idiota começar na minha idade, mas é a realidade.

SILVIA - Escuta aqui, Miguel, escuta bem o que eu vou dizer. E, por favor, me deixe ir até o final. Em princípio não me parece nada mal que você faça este balanço, que se questione. O que me parece mal são as conclusões que você tira. O nosso casamento, por exemplo. Se alguém te ouvisse iria pensar que a nossa relação é um desastre; e ainda por cima, você insinua que se casou comigo por interesse. Isto não é verdade. Não é verdade. Você se casou apaixonado, muito apaixonado. Que houve momentos de crise, nisso eu concordo. Qual o casamento que não tem? Mas você não pode negar que continuamos nos amando, nós querendo. Que o teu trabalho já não te satisfaça de todo? Isso é algo que acontece a muita gente depois de fazer a mesma coisa durante anos a fio. Que tudo o que você possui caiu do céu? Também não é assim. Papai estava muito feliz quando te deu o cargo lá na fábrica. Ninguém gosta que a obra de sua vida se acabe com ele. Além do mais, você está se saindo muito melhor do que ele. É o que ele também sempre dizia. Isso sem falar que é graças ao teu trabalho que você pode se permitir uma série de coisas. Que ultimamente você não se entende com teu filho? Isso nada mais é do que uma questão de idades. Nada mais. E já faz tempo que você se queixa do mundo. Ou sociedade, como diz o nosso filho. Para você, o mundo é injusto, corrupto e sei lá o que mais. A cada passo você encontra algo novo para criticar. Miguel, aceita de uma vez que no mundo sempre houve injustiças. Desde que o mundo é mundo. O mundo é assim! A vida é assim!

MIGUEL - Terminou?

SILVIA - Terminei.

MIGUEL - Eu não sei se toda essa besteirada que você acabou de dizer você só disse para me tranquilizar, ou se você acredita realmente nela. Se acredita, eu chego quase a te invejar. Não, não. Agora sou eu quem está dizendo besteira. Eu não te invejo nada. Não quero ser uma planta. Ou melhor, ^{depende} de uma planta. Um vegetal que depende do sol sair ou não, que ^{se} o transplante ou se o devoram. Se lhe pisam ou se um cachorro mijá em cima. Eu quero ^{mais} sol e a chéva. Não quero que me transplante contra a minha vontade. Nem que me devorem, nem que me destruam, nem que me caquem em cima. E eu não estou falando só por mim. Não! Eu não quero que ninguém seja uma planta. Ninguém. Esse mundo que você aceita está cheio de plantas. Cheio. E nós dois, somos duas plantas a mais nesta enorme vegetação. (PAUSA)

SILVIA - Eu absolutamente não me sinto um vegetal. Faço o que quero e me sinto útil. Pelo menos para você e Mário.

MIGUEL - Melhor pra você. Mas eu me sinto. Por isso ultimamente sinto um vazio que me custa suportar. (PEQUENA PAUSA) Pena que eu não seja um esquimó. Sabe o que eles fazem, em muitos casos, quando são mais jovens do que nós? Quando se sentem inúteis porque já não podem mais mastigar o coró com os dentes, cumprem um rito muito sábio. Olha só que vivos que eles são. Organizam "aquela" festa. E como toque final, se mandam da festa e correm pelo gelo para suar bastante. Escolhem um lugar e se sentam sobre o gelo. E sabe pra quê? Para congelar-se em vida. E enquanto isso os ursos ficam rodeando, esperando que eles morram pra poderem encher a pança.

SILVIA - Mas é incrível!

MIGUEL - Que nada. É justo e estético. Aos inúteis, o frigorífico.

SILVIA - Absurdo. Totalmente absurdo. Querer trazer para a nossa civilização um rito de gente tão primitiva.

MIGUEL - Vejam só! Quer dizer que eles são os primitivos. E nós, é claro, os civilizados. Os civilizados com seus grandes avanços científicos. Lógico, nós instalaríamos um dentista num iglu e ponto final. Também inventamos bombas que matam todos os seres vivos e deixam intactas todas as outras. Viva nossa civilização!

SILVIA - De qualquer maneira, a outra não é uma saída.

MIGUEL - Quem disse isso? Nós, porque nos queremos muito. Os cavalos, por exemplo. Nossos queridos cavalos. O amigo do homem, e sei lá que xaropada mais. Quando eles quebram uma pata, nós lhes damos um tiro. Logicamente não dizemos que os matamos. Mas que os "sacrificamos". Soa mais humano. Ninguém se encarrega de tratar dessa pata, ainda que depois eles fiquem mancando. Mata-se e pronto. Motivo: são inúteis.

SÍLVIA - Você não pode comparar homens com animais. E além disso, nossa religião proíbe o suicídio.

MIGUEL - (IRÔNICO) Também nos proíbe de roubar. Mas todo mundo rouba sem é tirar cara de pau. Também proíbe desejar a mulher do próximo. Mas isso só funciona se a mulher for um "bagulho". Se for boa, cama.

SÍLVIA - Realmente não dá pra conversar com você. Seja o que for que a gente diga, você tem sempre um argumento contra. E o pior, é que você é pessimista, negativo. Eu já não sei mais o que dizer. Quero te ajudar e não sei como.

MIGUEL - Mas você está me ajudando. Dizem que faz bem a gente vomitar as coisas. Você aguenta o "rojão", não é? Eu posso te caçar em cima e você nem se toca. Suponho que isso seja uma ajuda. (PAUSA. CAMINHA NERVOSO PELO APOSENTO) Mário já deve ter chegado em casa, não é?

SÍLVIA - Mas querido, é impossível. Ele foi de carro, não de avião. (OLHA O RELÓGIO) Dentro de meia hora ele deve estar lá. (PAUSA)

MIGUEL - Pois é. Se a gente pelo menos tivesse um telefone, dentro de meia hora poderíamos ligar pra ver se o garoto chegou bem. (PAUSA)

SÍLVIA - Você está preocupado?

MIGUEL - Não (PAUSA)

SÍLVIA - Você quer ir pra casa?

MIGUEL - Quero.

SÍLVIA - (OLHA PARA ELE E EM SEGUIDA PEGA UMA CADEIRA, COLOCA EM FRENTE À PORTA. SOBE NA CADEIRA E PEGA UMA CHAVE QUE ESTAVA SOBRE O MARCO DA PORTA, E A JOGA PARA MIGUEL) Vamos embora!

MIGUEL - (DESCONCERTADO) Então, você sabia que havia outra chave. Por que não disse nada?

SÍLVIA - (ENQUANTO COMEÇA A ARRUMAR AS COISAS) Porque uma vez, nem que fosse apenas uma vez, eu queria estar sozinha com você, para conversarmos. Para que você falasse. Desabafasse. Hoje eu achei que seria o dia. Foi por isso. Você estava precisando. E pelo mesmo motivo me propus a aceitar tuas agressões. Até um certo ponto, é claro.

MIGUEL - Foi você que colocou a chave ali?

SÍLVIA - Não. Foi Mário. Você se lembra que há alguns meses eu vim com ele pra cá por uns dias? Foi então que ele mandou fazer essa cópia e a colocou ali como se fazia antigamente. Ele acha que a gente deve ter sempre outra chave à mão. Para ele, é uma questão de precaução.

MIGUEL - Já me caçou de novo. Igualzinho ao teu avô. Sempre conseguem, nem que seja de longe.

SÍLVIA - Você queria ir embora, não? Então, mexa-se. Eu vou apanhar os lençóis. Volto já. Se você quiser, já pode ligar o carro. (SAI E JÁ LEVA ALGUMA COISA PARA DENTRO. MIGUEL SE DIRIGE LENTAMENTE PARA A PORTA E A ABRE. MÁRIO ESTÁ DO LADO DE FORA, EM PÉ)

MÁRIO - (ESBOÇA UM PEQUENO SORRISO) Oi.

MIGUEL - (SECO) Boa noite.

MÁRIO - Voltei.

MIGUEL - Não me diga.

- SILVIA - (ENTRA COM OS LENÇÓIS NA MÃO. VÊ MARIO E OS DEIXA CAIR) Oh, filhote!
(ASSUSTADA) O que aconteceu?
- MARIO - Nada, mamãe, nada. (TODOS ESTÃO IMÓVEIS)
- SILVIA - Mas o que fazem aí, parados? Por que não entra, filho? (ELE O FAZ A MIGUEL)
E você, ficou mudo?
- MIGUEL - Fiquei.
- SILVIA - Mas que estranho, filho. Eu não ouvi você chegar.
- MARIO - É que eu desliguei o motor e os faróis a alguns metros da casa. Por ^{via das} ~~duvi-~~
das. Talvez vocês já estivessem dormindo.
- SILVIA - Mas filho, poderia até acontecer alguma coisa, você dirigindo o carro assim
às escuras.
- MARIO - Tem lua cheia, mamãe. (PAUSA. SILVIA OLHA PARA MIGUEL, QUE CONTINUA MUDO)
- SILVIA - Que coisa, não... E... e se a gente estivesse dormindo você teria ido embora?
- MARIO - Não. Eu dormiria no carro.
- SILVIA - Está vendo, Miguel? Para não incomodar, nosso filho teria dormido no carro.
Pobrezinho!
- MIGUEL - É bom dormir no carro. (PAUSA)
- MARIO - (APONTANDO PARA OS LENÇÓIS) Vocês estão de partida?
- SILVIA - (OLHA PARA MIGUEL) Não... não... estávamos arrumando.
- MARIO - Claro. (APONTANDO PARA AS LATAS) E isto?
- SILVIA - Também íamos arrumar.
- MARIO - Querem que eu ajude?
- SILVIA - Não, filho, não. De maneira alguma. Você deve estar cansado da viagem. Num
minuto eu dou uma geral aqui. Vocês fiquem quietinhos, se acomodem, que eu
vou trazer alguma coisa para comer. Por incrível que pareça, nós ainda não
comemos nada. Estávamos esperenado gelar o champanhe. Não se esqueça de que
hoje é nosso aniversário... precisamos brindar. (MIGUEL PIGARREIA). E...
e agora com mais razão ainda, já que toda a família está reunida. Não é, fi-
lho?... Bem, sinta um pouquinho. (ELE O FAZ) E você também. (LEVA MIGUEL
COMO SE FOSSE UM MÓVEL E O FAZ SENTAR-SE. PEGA VÁRIAS LATAS PARA GUARDAR)
Volto já, já, está bom? (ATIRA UNS BEIJINHOS E DESAPARECE. PAUSA. MIGUEL E
MARIO TROCAM OLHARES RAPIDOS E NÃO SABEM O QUE DIZER)
- MIGUEL - (OFERECE UM CIGARRO) Quer fumar?
- MARIO - (ACEITA) Obrigado. (APRESSA-SE EM OFERECER FOGO AO PAI)
- MIGUEL - Obrigado.
- MARIO - (MOSTRANDO A CINZA QUE FICOU DA FOTO) Queriam fazer um assado?
- MIGUEL - Algo parecido. (PAUSA)
- MARIO - Interessante. (PAUSA)
- MIGUEL - Pois é. (PAUSA)
- MARIO - (DE REPENTE) Olha, papai.... eu reconheço....eu reconheço que me portei mal
com você.... O tom de voz... sabe como é...
- MIGUEL - Não se preocupe, eu sou mais besta que você....eu também não me portei
muito bem, portanto...
- MARIO - A culpa é minha. Tenho plena consciência disso.
- MIGUEL - Não, não. Me perdoe, mas a culpa é minha. Pelo simples fato de que eu sou mais

MIGUEL - Não, não. Me perdoe, mas a culpa é minha. Pelo simples fato de que eu sou mais velho.

MARIO - E o que é que isso tem a ver?

MIGUEL - Como, o que tem a ver? É de se imaginar que um homem mais velho.... e ainda por cima um pai, saiba se controlar. (ENTRA SILVIA)

Mario - Não concordo contigo.

SILVIA - Bem, rapazes, nada de discórdias agora. Fiquem tranquilos e desfrutem do silêncio, que é muito salutar. Escutem... escutem só os grilos.

MIGUEL - Por que não concorda comigo?

MARIO - Porque eu acho que a gente já nasce com um determinado temperamento. Há pessoas que manifestam esse temperamento por toda a sua vida, até morrer. A idade não modifica muito esse aspecto. O problema está no caráter que comanda este temperamento.

MIGUEL - Então, pra você os anos não ensinam nada?

MARIO - Eu não disse isso. Eu estava me referindo basicamente a qualquer caráter, no geral. (ENTRA SILVIA)

MIGUEL - Que caráter coisa nenhuma. Foi uma indireta muito clara. Claríssima.

SILVIA - Por favor! Não vão começar de novo! Olha, Mário, você sabe que seu pai não anda nada bem...

MIGUEL - Não fala besteira, está bem?

SILVIA - E você não sabe como ele está hoje.

MIGUEL - Para com isso, eu estou dizendo!

SILVIA - Pra mim, ele está é mergulhado numa violenta crise.

MARIO - (SORRIDENTE) Eu te felicito, papai.

MIGUEL - (MUITO FURIOSO) Moleque atrevido. Gozando da cara de seu pai! (AMEAÇA DAR-LHE UM TAPA COM AS COSTAS DA MÃO)

MARIO - (SEGURANDO A MÃO DE SEU PAI) O que você está fazendo, papai?

SILVIA - Está vendo? está vendo? O que foi que eu disse?

MARIO - Você não me entendeu, papai. Crise significa mudança.

MIGUEL - E daí?

MARIO - E daí que é positivo. Muito positivo para você,

SILVIA - Bem, agora sentem-se tranquilos outra vez e, se quiserem, conversem um pouco.



SILVIA - Bem, agora sentem-se tranquilos outra vez, e se quiserem conversem um pouco. Mas sem se exaltarem, viu? Vocês não querem beber alguma coisa enquanto isso? Você, Mário?

MARIO -- Não, mamãe, obrigado.

SILVIA - E você?

MIGUEL - Também não. Obrigado. (SILVIA SAI) Mas, como é mesmo o negócio? Eu sou muito velho para mudar umas coisas, mas para outras não.

MARIO - No que se refere ao caráter, eu pelo menos penso que é difícil mudar. (TRATA DE FALAR COM A MAIOR SUAVIDADE) Mas no enfoque filosófico ^{da} vida, sim. Em qualquer momento a gente pode amadurecer, evoluir, mudar.

MIGUEL - Se eu te entendi bem, quando alguém não muda, ou... como você diz: não evolui, fica estagnado. Seria esse o meu caso, não é?

MARIO - Olha, papai. Uma crise provoca sempre uma mudança profunda. Como nos doentes. Melhora ou piora.

MIGUEL - (VAI ATÉ A ENTRADA DA PASSAGEM) Ouviu teu filho, Sílvia? Ele acha o mesmo que você. Que estou maluco!

MARIO - (TENTANDO DISFARÇAR A RAIVA) Por favor, papai. Eu te peço que não distorça o que eu disse. Eu simplesmente estava tentando explicar o sentido da palavra...
...e...

MIGUEL - (CORTANDO) Já sei, já sei.

MARIO - (ALTO) Por favor. Deixe-me terminar a frase, papai.!

MIGUEL - Eu já sei o que você ia dizer.

MARIO - (TENTANDO DOMINAR-SE) O que é que eu ia dizer?

MIGUEL - Deixa pra lá.

MARIO - Eu estava querendo dizer que, se numa crise a pessoa toma o rumo adequado, o resultado pode ser muito positivo.

SILVIA - (ENTRA MUITO NERVOSA. TRAZ UMA BANDEJA COM UM BALDE DE GELO DE PRATA, CHEIO DE GELO, E COM A GARRAFA DE CHAMPANHE ENVOLTA NUM GUARDANAPO, E TRÊS COPOS DE CRISTAL) Ainda não está bem frio, mas...

MIGUEL - (CORTANDO) Você chegou na hora certa. Teu filho está dando aula. Agora já tem dois alunos.

SILVIA - Eu adoro aprender. Vamos lá, filho, qual é o assunto?



MARIO - (CONTROLANDO-SE) Não sei se vocês conhecem a história dos dois amigos

MIGUEL - (CORTANDO) Se for pesada não conta, que a tua-mãe não gosta dessas coisas.

MARIO - (IMPASSIVEL) Havia dois amigos que não se viam há muitos anos. Depois de conversarem um tempão sobre vários assuntos, um virou para o outro e disse: "você não mudou nada". E o outro empalideceu.

SILVIA - (RI NERVOSAMENTE) Que bonitinho.

MIGUEL - (SECO) Muito bonitinho.

SILVIA - (ENQUANTO SERVE) Uma bebidinha sempre vem bem. (BEBE A SUA DE UM SÓ GOLE E EM SEGUIDA SE SERVE NOVAMENTE E TORNA A BEBER) Eu já volto. (DESAPARECE)

MIGUEL - Segundo você, eu já devo estar com jeito de cadáver.

MARIO - (CARINHOSO) Um pouquinho pálido, nada mais. Mas com um prognóstico muito favorável.

MIGUEL - Obrigado, doutor.

SILVIA - (ENTRA COM UMA BANDEJA DE COMIDA) Não esperem grande coisa, porque é comida comprada, pronta. Mas é bem gostosa. Eles preparam sempre alguma coisa especial pra mim. Bom, cada um se serve, tá?

MARIO - Pode deixar, mamãe. (SERVEM-SE. EXCETO MIGUEL QUE CONTINUA PARADO, EM PÉ)

SILVIA - E você, não vai se servir?

MIGUEL - Agora não.

SILVIA - Quer que eu te sirva, então?

MIGUEL - Não, obrigado. Por enquanto eu não quero nada.

SILVIA - Mas você tem que comer alguma coisa.

MARIO - Deixa ele, mamãe. Ele não é mais nenhuma criança.

SILVIA - Como vocês quiserem. (OS DOIS COMEM. SILÊNCIO)

MIGUEL - Já tem um tempinho que eu não te vejo lá na fábrica.

MARIO - É verdade, papai. Os estudos, você sabe...

MIGUEL - Então você ainda não viu a nova máquina.

MARIO - Não

MIGUEL - Produz o dobro com a metade da mão-de-obra.

MARIO - Ah, é?

MIGUEL - Você gostaria de ver?



MARIO - Como você quiser.

MIGUEL - Tsc, já sei que não te interessa. Não sei por que merda eu pergunto isso, se eu já sei, de antemão, que não te interessa.

MARIO - Bem, papai, na verdade realmente não me interessa. Mas se quiser te dar prazer, podemos dar uma olhada juntos.



SILVIA - Eu também vou! (OS OUTROS DOIS A IGNORAM)

MIGUEL - Que sentido teria isso? Assim não quero. Eu queria que você tivesse gosto pela fábrica. Afinal de contas, pra quem ela vai ficar? Pra você. Outro filho nós não temos. Hoje mesmo eu estava falando com tua mãe. Teu avô ficou feliz, ^{mais} feliz, ^{que} feliz, agradecido quando eu assumi a fábrica. Ninguém gosta que sua obra morra consigo. Foi mais ou menos isso que você disse, não é, Sílvia?

SILVIA - Sim, mas...

MIGUEL - (CORTA) E se você não se interessa, o que vamos fazer com a fábrica depois? Vender, leiloar ou jogar no lixo?

MARIO - Posso te fazer uma pergunta, papai?

MIGUEL - Não, eu quero que me responda.

MARIO - Eu vou responder.

MIGUEL - Então, manda ver.

MARIO - O que te interessa mais: a fábrica ou a felicidade do teu filho?

MIGUEL - Não faça perguntas idiotas, tá bem?

MARIO - Olha, papai. Eu acho que uma das coisas importantes na vida é encontrar uma profissão que nos satisfaça. Descobrir a nossa verdadeira vocação. E a minha não é a fábrica. Você entende isso?

MIGUEL - (DEPOIS DE UMA PEQUENA PAUSA) Sim.

MARIO - Você sabia que seria essa a minha resposta, não é mesmo?

MIGUEL - (IGUAL) Sim.

SILVIA - Bem, agora que já se entenderam, você podia se sentar e comer com a gente.

(MIGUEL NEM A OUVÉ)

MIGUEL - E o trabalho de advogado, você gosta?

MARIO - Digamos que é a minha vocação.

MIGUEL - Como suponho que você pretenda viver da sua vocação, você deve saber o que significa ser advogado.

MARIO - Sim.

MIGUEL - Significa ficar o tempo todo mergulhado no meio de processos e mais processos, o que não é nada divertido. Defender a causa do teu cliente, tenha ele razão ou não. O negócio é ganhá-la.

MARIO - Para mim, a advocacia não é isso.

MIGUEL - Mas é isso, quer você queira, quer não.

MARIO - Para mim, a advocacia significa estudar leis. Conhecê-las a fundo. Saber bem os direitos e deveres do homem. Me interessa a justiça. E a lei existe para se fazer justiça. E se uma lei for absurda ou injusta, temos que modificá-la. E se faltar alguma, temos que criá-la.

MIGUEL - Ouviu só o nosso filho sonhador?

SILVIA - É muito bonito o que ele acaba de dizer.

MIGUEL - Claro que é bonito. Lindíssimo! Só que com essas idéias se morre de fome. Este é o mundo dos vivos, dos corruptos. E a esses você tem que defender. Aí está o dinheiro.

MARIO -- Eu sei disso também.

MIGUEL - Vejam só! Ele sabe de tudo, o sabichão. Não sei por que merda falo com ele, se ele já sabe de tudo. Quando eu estou indo, ele já foi e voltou 10 vezes. Eu vou te dizer agora por que é que você pode se dar ao luxo de querer ser um advogado idealista. Porque você nasceu em berço de ouro, garoto. Porque sabe perfeitamente que jamais morreria de fome. Essa é a verdade. A pura verdade.

MARIO - Tem razão. Toda a razão. Eu sou um privilegiado. Eu sei muito bem disso. E o devo exclusivamente a vocês. Não tenho a menor dúvida.

MIGUEL - Você não deve nada. Não sei do que você está falando. Além do mais, não é mérito algum ter dinheiro.

MARIO - Bravo, papai. Meus parabéns! Muito bem respondido.

MIGUEL - Só faltava essa agora. Que qualifique as minhas respostas.

MARIO - Eu estou falando sério, papai; Você fez o impossível para que eu me interessasse pela fábrica. Mas também me deixou estudar. E era o que eu queria. Eu te agradeço. E muito.



MIGUEL - (COM MALÍCIA) Mas dinheiro ajuda, não é?

MARIO - (SORRIDENTE) Claro que ajuda. Obrigado.

MIGUEL - Mamãe, diga "da nada".

SILVIA - Chato.

MARIO - Falando sério, papai. Você não acha que o mais importante é a liberdade? E, neste caso, a liberdade de escolha?



MIGUEL - Sim... se se pode escolher...sim.

MARIO - Sempre se pode escolher.

MIGUEL - Nem sempre, meu querido, Nem sempre.

MARIO - E por que não?

MIGUEL - Ora ... existem condicionamentos... tentações... e até mesmo armadilhas.

MARIO - A quais você se refere?

SILVIA - Olha, eu acho maravilhoso que vocês estejam trocando idéias. Realmente maravilhoso. Mas vocês não acham que já está um pouco tarde e ...

MIGUEL - Mas será possível que você tem sempre que interromper? Hoje, quando estávamos sozinhos, você fez o impossível para que eu falasse, que eu desabafasse. Você aguentou tudo. E agora, com ele, não quer que se passe o mesmo. De que é que você tem medo?

SILVIA - Porque é diferente.

MARIO - (CARINHOSO) Está com ^{soninho} V, mamãe? Vai dormir, vai. Não se preocupe conosco. Daqui a pouco nós vamos também.

SILVIA - Não, eu não estou com sono. Só falei por falar. (CONTINUA COMENDO E BEBENDO BASTANTE)

MARIO - Bem, e então, papai?

MIGUEL - Eu já nem me lembro do que estávamos falando. Perdi o fio da meada.

MARIO - Eu te refresco a memória. Estávamos falando dos condicionamentos e até das armadilhas.

MIGUEL - Ah, sim. Como é que eu posso explicar? ... Imagine um jovem... pobre... que de repente ganha uma oportunidade de subir... crescer em todos os sentidos. Economicamente... socialmente... Você acha que esse jovem tem a liberdade de escolher?

MARIO - Por que não fala na primeira pessoa, papai? Seria muito mais sincero.

MIGUEL - Não falemos nisso.

MARIO - Não vamos poupar nada, papai. Nada. Já que estamos conversando, talvez pela primeira vez, não vamos esconder as coisas. Ainda que você queira.

MIGUEL - (ACARICIA MARIO NA FACE, AO PASSAR) Mamãe tem razão. Vamos dormir. (FAZ MENCÃO DE RETIRAR-SE)

MARIO - (VIOLENTO) Não vamos dormir coisa alguma! Que merda, também!

MIGUEL - (COMO UMA CRIANÇA, BEM BAIXINHO A SILVIA) Gritou comigo.

SILVIA - É... é teu filho.

MARIO - (INSISTENTE, MAS COM MUITO CARINHO) Não tem sentido você tirar o corpo fora, papai. Tem que vomitar tudo. É a única maneira de clarear as coisas.

MIGUEL - Hum, parece até que vocês combinaram. Eu te agradeço, filho. De verdade. Mas não teria sentido. Você não entenderia.

MARIO - Não me venha agora com essa de experiência.

MIGUEL - Não é só isso... Você não pode entender... Para você tudo foi muito diferente... recebeu tudo pronto. Não, não se trata de recriminação. Me entenda bem. Você dá um assovio e a empregada corre para te atender. Teve a melhor formação... no colégio... na faculdade... Eu venho de outro bando. Dos de fora... Eu, quando era moço, espiava o bem-estar dos outros pela janela. De fora para dentro. E você o viveu. De dentro.

MARIO - O que você está dizendo é verdade. Em grande parte, pelo menos. Mas por que trazer isso à tona depois de tantos, tantos anos? É absurdo, totalmente absurdo.

SILVIA - Deixe, deixe! Eu tive que ouvir tudo isso. Ainda há pouco mesmo. Chegou até a pôr em dúvida se me amava quando se casou comigo, e outras coisas mais.

MARIO - (INSISTENTE E COM GRANDE CARINHO) Me escuta, papai. Me escuta bem. Eu acho ótimo que você faça esse tipo de balanço. Mas não invente problemas. Você não se dá conta que se fosse verdade, e que se mamãe ^{tivesse} de longe suspeitado, e não me venha negar que para isso ela tem um olfato dos diabos, ela teria te mandado à merda. E a respeito da tua juventude...

MIGUEL - (CORTA) Não tem sentido falar sobre isso com vocês. Não conseguem ser objetivos. Nunca.

MARIO - Que gracinha que é você, papai. E você consegue ser? Vamos! Falemos de problemas concretos.



SILVIA - (A MARIO) Eu acho que por hoje chega. Só faltou vocês falarem sobre o trabalho ^{dele}. ~~Aí~~ o mundo vinha abaixo.

MARIO - Mamãe! Eu te peço, por favor!(SILVIA PEGA A GARRAFA E O COPO E SE SENTA A UM CANTO, MEIO ZANGADA, E CONTINUA BEBENDO)

MIGUEL - Mamãe tem razão. Já chega por hoje. Eu vou dormir. (QUER SAIR MAS MARIO O PEGA PELO BRAÇO)

MARIO - Ah, não! Fugir, não!

MIGUEL - (COM VIOLÊNCIA CONTIDA) Me solta!

MARIO - Está bem, papai. Vai dormir. (MIGUEL SAI. MARIO FALA ALTO PARA QUE SEU PAI O OUÇA) Muito bem. Muito bem. Não quer falar com seu filho. Seu único filho. Não importa. De qualquer jeito, a gente tem que se falar de vez em quando, mesmo. (MAIS ALTO AINDA) Durma bem. Boa noite. (PEQUENA PAUSA. MIGUEL APARECE LENTAMENTE.)

MIGUEL - Espertinho. Você é um espertinho. Pois bem. Eu caio na armadilha. Mas consciente, hein? Pode começar a inquisição.

MARIO - Você também não fica atrás.

MIGUEL - Bem, alguma coisa minha você tem que ter...

MARIO - Bom, vamos pôr fogo em ^{Roma}. ~~Aí~~ vai. O que está acontecendo com o teu trabalho?

MIGUEL - Com meu trabalho, nada. O que poderia acontecer? De que poderia me queixar? De filho de operário me promoveram a diretor e dono. Trabalhei como um burro de carga. Tripliquei a produção. ~~Aí~~ termina a história. (SILVIA COMEÇA A TER SOLUÇOS. OS DOIS A OLHAM)

SILVIA - Desculpe.

MARIO - Quer dizer que assim termina a história. Simples como ela só.

MIGUEL - Pois é.

MARIO - Ouviu, mamãe? Roma não pegou fogo. Reinam a paz e a felicidade.

SILVIA - (LEVANTANDO O COPO) Meus parabéns!

MIGUEL - (ZANGADO) Ih, gozação não!

MARIO - Mas papai, você estava me descrevendo uma epopéia!

MIGUEL - E continua, merda!

MARIO - E você?

MIGUEL - Eu o quê?



MARIO - Como é que você se sente nessa história?

MIGUEL - Me entregaram de mão beijada um estabelecimento porque não havia ninguém que assumisse a coisa. Eu fiz o que pude, e a coisa saiu bem. Ponto.

SILVIA - (LIGEIRAMENTE EMBRIAGADA, FALA COMO UM PAPAGAIO) Chega! Não fiquem aí batendo na mesma tecla. O que acontece com teu pai é que agora ele não encontra mais sentido no trabalho. E não é só isso. Não encontra sentido em nada. Você sabe muito bem, Mário, que de uns tempos para cá ele vive criticando tudo. Tudo pra ele vai mal. Virou um pessimista insuportável. Como se diz no fino linguajar do senhor aqui, tudo é uma merda.

MIGUEL - E é mesmo.

SILVIA - E o que lhe incomoda é que ele sente um enorme vazio. Pelo menos foi isso que ele disse. Saúde! (BEBE)

MARIO - É verdade, papai?

MIGUEL - O que é que você entende disso! Na tua idade! Isso sem falar no berço em que você nasceu. É tudo muito diferente.

MARIO - (VIOLENTO) Deixe de uma vez por todas de falar na nossa origem! Eu não tenho culpa de ter nascido em "berço de ouro", como você diz. O que tampouco é um mérito. E que você seja filho de operário também não é uma vergonha. Ao invés de estar orgulhoso dos seus pais, você se transformou num ressentido.

MIGUEL - (MUITO BAIXO) O que foi que você disse?

MARIO - O que acaba de ouvir.

MIGUEL - (SE APROXIMA. ESTÃO CARA A CARA. FALA BAIXO. MUITO AMEAÇADOR) Repete!

MARIO - (MANTÉM O OLHAR. E FALA TRANQUILO) Sinto muito, papai. Mas você é um ressentido.

SILVIA - (LEVANTA-SE) Volta já. (SAI. MIGUEL SE AFASTA UM POUCO DE MARIO)

MARIO - Não se zangue, papai. Eu não estou te recriminando. O ressentimento não serve. Faz a gente ver tudo sob uma ótica distorcida. Além disso, nos enche de raiva. (PAUSA. MIGUEL NÃO RESPONDE) Por que você é tão inseguro, papai? Por causa dessas coisas todas? Mas papai, a gente vale pelo que é. Pelo que a gente faz. E não por ter um talão de cheques recheado ou por saber de cor o Dom Quixote. E você vale muito, papai. Muito. Você é um cara inteligente, trabalhador e honrado até debaixo d'água. Eu jamais te diria essas coisas se você não fosse tudo isso. Eu te admiro. Juro que te admiro. (PEQUENA PAUSA) É respeito^o teu trabalho na fábrica. Você já trabalhou bastante. E trabalhou bem. Muito bem. Já pagou com juros o que te deram de mão beija-

MARIO - da. E o que está acontecendo agora? Está de saco cheio? Perfeito. Vende a fábrica. Mande à puta que o pariu. Para viver você tem de sobra. Você não sabe o que fazer da tua vida? Mas, papai. Tem tanta, tanta coisa pra fazer. Logo você encontra alguma coisa que te interesse de verdade. Qualquer coisa onde você se sinta útil. Nós vamos encontrá-la. Juntos. Tão? (PAUSA. MIGUEL VAI LENTAMENTE ATÉ O SOFÁ E SE SENTA)



MIGUEL - Sabe de uma coisa? A vida é uma grande armadilha. A gente acredita em certos valores... metas... obrigações... trabalha como um louco... os anos passam... e de repente a gente se dá conta que nada disso tem sentido... ou pelo menos quase nada... ou nessa altura da vida não tem mais.... então a gente se sente como uma criança abandonada na selva... mas uma criança com rugas, cabelo branco e cansaço.

MARIO - (SENTA-SE AO SEU LADO. COM GRANDE TERNURA E EMOÇÃO) Meu velho... Que velho bacana que eu tenho... que velho jovem eu tenho... Você despertou, papai! Despertou! (ABRAÇA-O FORTEMENTE. SILVIA APARECE NO UMBRAL DO CORREDOR, SEM SER VISTA PELOS DOIS).

MIGUEL - Despertar? Você chama isso de despertar?

MARIO - Sim, papai. Porque você começou a enxergar. Não caiu na indiferença, que é a verdadeira velhice. Você se rebela, grita, sapateia porque é jovem. Jovem, papai.

MIGUEL - Que é que eu faço agora, filho?

MARIO - Procure um caminho para canalizar tudo isso. Para transformá-lo em feitos.

MIGUEL - Onde começar? Onde? Tudo está podre... O mundo... Que sei eu...

MARIO - Não, papai, não. O mundo é lindo. Lindíssimo. A sociedade é que não presta.

MIGUEL - E quem é que compõe a sociedade? Os homens.

MARIO - Tem razão. Os homens. E são os homens que têm que modificá-la.

MIGUEL - Você se refere à política?

MARIO - Claro, este é o caminho mais viável.

MIGUEL - A política anda tão podre como todo o resto. Deve haver políticos capazes e honestos, não duvido. Mas não podem lutar contra tantos corruptos, incapazes, contra tantos interesses, contra tanta injustiça.

MARIO - É verdade que é muito difícil. Justamente por isso. Há muita coisa pra ser feita. Mas também muita coisa já se fez. A gente dá três passos pra frente e recua dois. Mas pelo menos ganhamos um. O único caminho é se organizar. Politicamente. E lutar lá dentro. Não ficar criticando aqui. Você não pode negar a política. Tudo é política. Desde o ato de fazer amor.



MIGUEL - Quer dizer que quando a gente trepa com uma gata tem que saber se ela prefere "à la Casa Branca" ou "à la Kremlin".

MARIO - Falando sério, papai. Criticar de fora é chover no molhado. É idiota. E de idiota você não tem nada. Se você se meter e lutar lá dentro, terá mil decepções. Mas também verá claramente as pequenas e as grandes conquistas. Conquistas das quais você participou. Lute contra todas essas coisas que te incomodam e que, com razão, você acha injustas. E você se sentirá útil. Útil.

MIGUEL - É sobre isso que vocês falam quando se reúnem lá em casa?

MARIO - Nem sempre. Mas muitas vezes.

SILVIA - (QUE HAVIA SE APROXIMADO LENTAMENTE, COM CARA DE ESPANTO) São comunistas?

MARIO - (SORRINDO) Alguns.

SILVIA - Deus do céu! E você?

MARIO - Eu ^{ainda} não pertencço a nenhum partido. Eu estou estudando, analisando, selecionando. Quando eu tiver um panorama bem claro, então eu me meto no partido que mais coincidir com as minhas idéias. E me meto de corpo e alma. O conhecimento das leis e seu mecanismo vão me ajudar muito. Eu posso te adiantar, mamãe, que as grandes diferenças sociais e as enormes carências que milhares de pessoas sofrem nesse continente, isso sem falar na dependência desses países, não me agradam nem um pouco.

SILVIA - (MUITO PREOCUPADA) Pensa bem no que faz, filho. Pensa bem.

MARIO - É justamente o que eu faço, mamãe. (PEQUENA PAUSA)

SILVIA - Vocês não vão comer mais nada? Você, Miguel, não comeu nada a noite toda.

MIGUEL - (QUE ESTEVE COMO QUE AUSENTE) Não, não. Obrigado.

MARIO - Eu também não.

SILVIA - Mas uma taça de champanhe, sim. Tem outra garrafa bem gelada. (OS DOIS HOMENS SE OLHAM) Não se preocupem. Mamãe aguenta. (SAI. PEQUENA CAUSA)

MIGUEL - Diga-me, como é que você chegou a tudo isso?

MARIO - Através do meu avô.

MIGUEL - (NÃO COMPREENDE) Como?

MARIO - Sim, do teu pai.

MIGUEL - Meu pai? Mas se ele nunca se interessou por política!

MARIO - Justamente por isso. Por sua total resignação. Como se o fato de ser pobre, de ser explorado, fosse um destino que se tem de suportar.

MIGUEL - (PENSATIVO) Quer dizer então que meu velho...

MARIO - Sim, papai. Vovê era um ignorante.

MIGUEL - O que foi que você disse?

MARIO - O que eu quero dizer é que lhe faltava preparo.

(DE AGORA EM DIANTE, NUMA VIOLÊNCIA QUE CRESCE CADA VEZ MAIS, OS DIÁLOGOS SE SUPERPÕEM, E SOBRE OS ÚLTIMOS CAI LENTAMENTE O PANO)

MIGUEL - Quer dizer que agora você se atreve a criticar também o seu avô!

MARIO - Eu não estava criticando, eu...

MIGUEL - (CORTA) Nada mais nada menos que teu avô! O homem mais honrado do mundo. O homem que...

MARIO - Justamente porque era honrado...

MIGUEL - Eu não admito que você nem ninguém critique o meu pai!

SILVIA - (ENTRA) O que foi agora? (GRITA) Aqui ninguém grita! Não nesta casa! Não!

MIGUEL - (A MARIO) Ouviu isso? Ouviu isso? A casa é dela. Eu estou demais aqui!

MARIO - Não diga besteira, papai. Mamãe não quis dizer...

SILVIA - Claro, eu não disse...

MIGUEL - Ah, disse! Disse sim!

MARIO - Você, pra variar, distorce tudo.

MIGUEL - E você, pra variar, só sabe botar banca.

SILVIA - Quando é que vocês vão se entender? Quando?

MARIO - Quando ele deixar de distorcer as coisas.

MIGUEL - Quando você descer do trono.

MARIO - E você não sabe ouvir. (SILVIA TOMA VÁRIOS COPOS ENQUANTO OS DOIS GRITAM CARA A CARA)

MIGUEL - E você não quer entender.

MARIO - Quem não entende é você.



MIGUEL - Não. É você!

MARIO - Não. É você!

(ENQUANTO REPETEM VÁRIAS VEZES ESTA FRASE, CAI O PÃO)



Direitos de representação e publicação:

FEDERICO WOLFF

Lavalle 2007 5º J

1051 BUENOS AIRES

Argentina

Telefone: 49-1392

DU

SOCIEDADE URUGUAYA DE AUTORES

A.G.A.D.U.

Canelones 1230

Montevideo

Uruguay